



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

LETRAS, ARTES E MEDIAÇÃO CULTURAL

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS
COMO CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO LEITORA:
UMA PERFORMANCE SOBRE A LENDA DAS CATARATAS DO IGUAÇU**

KELEN CRISTINA BENJAMIM SANTOS

Foz do Iguaçu

2015



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

LETRAS, ARTES E MEDIAÇÃO CULTURAL

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS
COMO CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO LEITORA:
UMA PERFORMANCE SOBRE A LENDA DAS CATARATAS DO IGUAÇU**

KELEN CRISTINA BENJAMIM SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras, Artes e Mediação Cultural.

Orientadora: Prof. Dra. Francisca Paula Soares Maia

Foz do Iguaçu

2015

KELEN CRISTINA BENJAMIM SANTOS

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS
COMO CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO DE LEITORA:
UMA PERFORMANCE SOBRE A LENDA DAS CATARATAS DO IGUAÇU

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras, Artes e Mediação Cultural.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dra. Francisca Paula Soares Maia
(UNILA)

Prof. Dr. José Pereira da Silva
(UERJ)

Prof. Dr. Vicente Parreiras
(CEFET-MG)

Prof. Dr. Fernando Faria
(UNILA)

Foz do Iguaçu, 06 de novembro de 2015.

Dedico este trabalho de conclusão de curso a Deus e também ao meu esposo Nasri Alexandre por ter sido tão perfeito, por jamais deixar de acreditar que era capaz de concluir esta etapa de minha vida e também por todos os dias de incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é admitir que houve um momento que se precisou de alguém. Portanto início os meus agradecimentos dedicando esta pesquisa à pessoa que foi a maior estimuladora de ações inimagináveis durante meu percurso de vida, meu esposo Nasri Alexandre e também não conseguiria se não fosse o apoio total com as palavras de incentivo e força da Dra. Maria Luiza de Melo Rodrigues. Também não deixaria de mencionar o Dr. Luiz Roberto, está mais uma vez acompanhando mais uma etapa que se finaliza em minha vida e também o Dr. Raimundo todo meu respeito e confiança, sendo uma das pessoas que tanto estimo. Enfim, este trabalho só foi possível por eu ter essas pessoas tão significativas em minha história de vida.

Agradeço ao universo e todas suas criaturas, os dias mais obscuros e os dias ensolarados que me davam força para prosseguir.

Sou grata às crianças, por serem as criaturas mais imaginárias e contagiantes com toda sua inocência e pureza e por acreditarem no sonho e encantamento que a contação de histórias pode nos proporcionar.

À minha orientadora professora e Dra. Francisca Paula Soares Maia, por sua capacidade e vontade em me orientar, que se não fosse dessa forma, não teria conseguido.

Ao meu grande mestre e coordenador do curso de Letras, Mário Ramão, pois, com o passar do tempo só aumenta minha admiração como pessoa e profissional. Um homem honrado e humano e que merece de minha parte respeito, gratidão e meu muito obrigada por dar luz ao meu caminho com seu carinho e apoio, que foram fundamentais.

Atravessei um mar de tempestade onde meu barquinho parecia afundar, vi muitas nuvens pretas, passei por sensações que em palavras sou incapaz de traduzir. Mas o dia renasce e você descobre que ainda há esperança e assim você termina uma viagem e entra em outro barquinho em outro rumo com outras pessoas. E é por isso que, de todas as formas agradeço àqueles que me apoiaram neste longo caminho através do mar do conhecimento.

“Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê”

Monteiro Lobato

Santos, Kelen Cristina Benjamim

Contaçon de histórias como contribuição para formaçon
leitora: uma performance sobre a lenda das Cataratas
do Iguaçu / Kelen Cristina Benjamim Santos. -- 2015.
92 f.

Orientador: Francisca Paula Soares Maia.

Trabalho de conclusão de curso (Graduaçon) --
Universidade Federal da Integraçon Latino-Americana,
Instituto Latino-Americano de Artes, Cultura e História,
Curso de Letras, Artes e Mediaçon Cultural, Foz do
Iguaçu, BR-PR, 2015.

1. Contaçon de histórias. 2. Leitura. 3. Formaçon
leitora. 4. Ensino fundamental. I. Maia, Francisca
Paula Soares, orient. II. Título.

SANTOS, Kelen Cristina Benjamim. **Contação de história como contribuição para formação leitora:** uma performance sobre a lenda das Cataratas do Iguaçu. 2015. 92 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, Artes e Mediação Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

RESUMO

Através de Contação de histórias como contribuição para formação leitora: uma performance sobre a lenda das Cataratas do Iguaçu pretende-se salientar que a viabilidade e a concretude de uma pesquisa-ação de contação de histórias permitirá ao aluno conhecimentos pessoais e para a vida toda. Portanto, neste trabalho, o objetivo principal é evidenciar a importância de formação de leitores através da oralidade, na performance ao indivíduo acrescentar valores a partir da história contada, sendo esta que lhe permite construir suas experiências coletivamente, de modo que através da convivência com a leitura venha à tona o sujeito leitor. Trata-se de uma pesquisa-ação que buscou aliar o prazer da leitura à busca de novos conhecimentos sobre a diversidade cultural do Brasil, pois a lenda advém da cultura indígena brasileira. Como parte dessa proposta foi apresentada como estratégia de contação, uma performance recriando através do objeto sensações que o olho não somente leia mais olhe envolvidos por gestos através de um lenço de pano, atividade em que os alunos da Escola Municipal Adele Zanotto Scalco participaram, colaborando com esta pesquisa.

Palavras-chave: Contação de histórias. Leitura. Formação leitora. Ensino Fundamental.

SANTOS, Kelen Cristina Benjamin. **Contar una historia como una contribución a la formación de lectores:** una representación de la leyenda de las Cataratas del Iguazú. 2015. 92 páginas. Finalización de Trabajo, por supuesto (licenciado en Letras, Artes y Mediación Cultural) - Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguacu, 2015.

RESUMEN

A través de la narración como una contribución a la formación de lectores: una representación de la leyenda de las Cataratas del Iguazú, se pretende señalar que la viabilidad y la concreción de una investigación-acción del cuento de historias permitirá al estudiante conocimientos personales para toda la vida. Por lo tanto, en este trabajo, el objetivo principal es poner de relieve la importancia de la formación de lectores por medio de la oralidad, de la performance, al individuo añadir valores de la historia que se cuenta, que es lo que le permite construir sus experiencias colectivamente, de manera que a través de la convivencia con la lectura, se ponga a muestra el sujeto lector. Se trata de una investigación-acción que pretende combinar el placer de la lectura, de la búsqueda de nuevos conocimientos acerca de la diversidad cultural de Brasil, pues la leyenda viene de la cultura indígena brasileña. Como parte de esta propuesta fue presentada como una estrategia de narración de cuentos, un espectáculo que recrea, a través del objeto que el ojo no sólo lea pero mire, rodeados de gestos a través de un pañuelo de tela, actividad en la que participaron alumnos de la Escuela Adele Zanotto Scalco, en colaboración con esta investigación.

Palabras clave: Narración de cuentos. Lectura. Formación de lector. Enseñanza fundamental.

SANTOS, Kelen Cristina Benjamin. **Storytelling as a contribution to reader formation: a performance on the legend of the Iguacu Falls.** 2015. 92 pages. Course completion project (Bachelor degree in Letters, Arts and Cultural Mediation) - Federal Latin American Integration University, Foz do Iguacu, 2015.

ABSTRACT

Through storytelling a contribution to reader formation: A performance of the legend of the Iguacu Falls is intended to point out that the viability and the concreteness of a story-action research stories allow the student personal knowledge and for life. Therefore, in this paper, the main objective is to highlight the importance of training players through orality in performance to the individual add values from the story told, which is allowing you to build their experiences collectively, so that through living with the reading to surface the individual reader. This is an action research which sought to combine the pleasure of reading the search for new knowledge about the cultural diversity of Brazil, as the legend comes from the Brazilian indigenous culture. As part of this proposal was presented as a storytelling strategy, a performance involving gestures and a cloth handkerchief, activity in which students of the school Adele Zanotto Scalco participated, collaborating with this research.

Keywords: Storytelling. Reading. Formation reader. Elementary School

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O início da Contação na escola Adele Zanotto Scalco em Foz do Iguaçu/PR.	33
Figura 2 – O Deus M'boi representado por gestos e um lenço de pano.....	34
Figura 3 - O momento em que as águas "param"	34
Figura 4 – O momento do encontro de Naipi e Tarobá.....	35
Figura 5 - A fuga de Naipi e Tarobá no rio Iguaçu.	35
Figura 6 - Momento do "bote" de M'Boi e formação das Cataratas do Iguaçu.	36
Figura 7 - O feitiço de M'Boi contra Naipi.....	36
Figura 8 - O feitiço de M'Boi contra Tarobá.	37
Figura 9 - O esconderijo de M'Boi.....	37
Figura 10 - Formação do Arco-Íris (símbolo do reencontro dos amantes).	38
Figura 11 - Alternativas de resposta às perguntas do questionário.	44
Figura 12 - Composição do formulário de resultados de cada turma avaliada.	46
Figura 13 – Tarobá se encanta com a beleza de Naipi.	85

LISTA DE FORMULÁRIOS

Formulário 1 - Resultados da Turma A.	49
Formulário 2 - Resultados da Turma B.	52
Formulário 3 - Resultados da Turma C.	55
Formulário 4 - Resultados da Turma D.	58
Formulário 5 - Resultado geral (todas as turmas).....	61

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1 - Seleção de trabalhos da Turma A.	50
Desenho 2 - Seleção de trabalhos da Turma B.	53
Desenho 3 - Seleção de trabalhos da Turma C.	56
Desenho 4 - Seleção de trabalhos da Turma D.	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS É UM INSTRUMENTO IMPORTANTE PARA O ESTIMULO À LEITURA.....	24
3 A CONTAÇÃO E A PERFORMANCE.....	32
3.1 A PERFORMANCE DA LENDA DAS CATARATAS DO IGUAÇU	33
4 DIRETRIZES METODOLÓGICAS.....	39
4.1 COLETA DOS DADOS	39
4.2 UNIVERSO DA PESQUISA	40
4.3 TRATAMENTO DOS DADOS	40
4.3.1 Qualitativo (performista)	41
4.3.2 Qualitativo (professor da turma).....	41
4.3.3 Quantitativo.....	43
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	47
5.1 TURMA A.....	47
5.2 TURMA B.....	50
5.3 TURMA C.....	53
5.4 TURMA D.....	57
5.5 TODAS AS TURMAS	60
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICES	68
ANEXOS.....	84



1 INTRODUÇÃO

A contação de histórias é um instrumento muito importante para o estímulo à leitura, constituindo-se em um verdadeiro passaporte para a escrita. Além disso, desperta o senso crítico, pois a criança aprende a questionar e a criar novas ideias, além de fazer a criança sonhar.

Contar histórias é a arte de usar palavras, gestos e presença de palco para agradar àqueles que emprestam os seus ouvidos. (GREGÓRIO, 2013).

A importância de se contar histórias baseia-se no “despertar” o interesse e o gosto pela leitura; ajuda no desenvolvimento psicológico e moral; amplia o vocabulário, aprimorando a atenção, a imaginação, a observação, a memória, a reflexão e a linguagem; também colabora para a formação ética e cidadã das crianças, dos jovens e dos adultos.

Somando a esse pensamento, Torres nos diz que:

Antes da escrita, todo saber era transmitido oralmente. Deve-se a isto toda a importância dada à memória nas sociedades tradicionais, pois a memória era o único recurso para armazenar e transmitir o conhecimento às futuras gerações. O ato de contar histórias remete a este tempo em que o homem confiava na sua memória e nas suas experiências, resgatando qualidades tão necessárias ao desenvolvimento humano. (TORRES, 2008, p.2).

Dentro de uma cultura oral, para que não ocorra o problema de retenção do pensamento, já que a presença escrita não existe, é fundamental que essa oralidade surja através de ritmos, equilibrados, em repetições, em expressões performáticas para que o indivíduo possa reter esse conhecimento e, mais adiante, possa ser transmitido de pessoa para pessoa. Portanto, sabemos que aquilo que se guarda em nossa mente, é algo significativo, a maneira como é contada se torna uma estratégia para assimilação. Nesse sentido, podemos assim dizer que não temos registro de nenhuma sociedade que não tivesse a necessidade inventar ou de construir seus mitos e seu imaginário.

As histórias podem ser extraídas dos contos de fadas, dos mitos, das histórias de animais, das anedotas e das lendas.



A história contada através da oralidade permite a interação entre contador e ouvintes, já que o corpo e a voz propiciam vivências comunitárias perdidas na aceleração da vida moderna. (TORRES, 2008, p.1).

No entanto, a autora Bortolin, vai dizer que:

Nem sempre contar histórias infantis nas escolas de ensino fundamental é uma prática estimulada e valorizada, de modo que esses alunos possam ouvir histórias, ou seja, o professor pode não valorizar histórias infantis, não dar prestígio a esse trabalho tão importante para formação leitora, e isso irá levá-los a crescer com essa desvalorização dos contos (BORTOLIN, 2010, p. 232).

Nesse sentido, Torres acrescenta que numa sociedade de imensa mecanização como a nossa, a contaçon de histórias faz refletir sobre qualidades esquecidas.

A valorização do conhecimento transmitido pela oralidade recompõe o valor das experiências coletivas. (TORRES, 2008, p.2).

Sabemos que nem sempre a contaçon de histórias infantis, nas creches e escolas de ensino fundamental é uma prática estimulada e valorizada, de modo que os alunos ouçam histórias, ou seja, o próprio professor pode não valorizar histórias infantis e isso, então, irão levá-los a crescer com essa desvalorização dos contos (ALVES, 2010).

Esta pesquisa se justifica porque pode contribuir para a prática de muitos educadores que ainda não descobriram o quanto as histórias são importantes e para aqueles que utilizam as histórias somente para acalmar os alunos sem perceberem a riqueza que podem tirar de uma boa contaçon. Contar histórias é estimular a imaginação. Quando bem contada, pode atingir outros objetivos, como o desenvolvimento do raciocínio, contemplando conteúdos que trabalham no interesse do aluno pelo estudo. Sendo assim, esse processo diverte a todos, sem exclusão de raça, cor ou classe social.

Também pode-se observar que a contaçon de histórias não seja uma estratégia que o professor tenha interesse em desenvolver, deixando uma oportunidade eficaz e colaborativa para o desenvolvimento da criança.



Acrescentam-se a esse raciocínio as palavras de Donato (2005, p.4), que cita

Ouvir e contar histórias é ensinamento e escola, através dela os valores culturais são transmitidos. O ouvinte ou o leitor encontra na vida das personagens imaginárias que povoam a narrativa, situações bem reais com que se defrontam em seu dia a dia (DONATO, 2005, p. 4).

É importante frisar a concretude de uma pesquisa-ação, objeto de contação de histórias que permitirá ao aluno conhecimentos pessoais para toda vida. Portanto, neste trabalho, o objetivo principal é evidenciar a importância de formação de leitores através da oralidade, na atuação ao indivíduo de acrescentar valores a partir da história contada, sendo esta que permite ao indivíduo suas experiências construídas coletivamente, de modo que, através dessa convivência, venha à tona o sujeito leitor.

Os objetivos específicos são: identificar que as histórias contadas permitem desenvolver o raciocínio e a linguagem oral; estimular o gosto pela leitura e a comunicação; trabalhar conteúdos para aumentar o interesse do aluno pelo estudo, para lidar com conflitos, para respeitar as diferenças, sem exclusão de raça, cor ou classe social.

É ouvindo histórias que se pode sentir importantes emoções, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, a insegurança, vivendo profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas pode despertar nos pequenos ouvintes, além de ser um recurso valioso e agradável para a predisposição à aprendizagem e para sua complementação. (ABRAMOVICH, 1995, p.17).

Essa trama se mede pela capacidade de sedução que o contador transmite através do texto, entregando ao leitor as expressões performáticas contidas nele e também do poder encantamento do leitor-narrador. O contador vibra, o ouvinte estabiliza, integrando-se àquilo que é ele próprio. Então, é ele que vibra de corpo e alma. A noção de performance perpassa a ideia da presença de um corpo (ZUMTHOR, 2000, p.53).

A contação de histórias em performance, permite a interação entre contador e ouvintes, o corpo e a voz propiciam vivências comunitárias, perdidas na aceleração da vida moderna.

A metodologia da pesquisa é a pretensão de desenvolver este trabalho com performance e contação da lenda das Cataratas, a exemplo da importância dessa lenda na mediação cultural



da América Latina. Por sua vez, a lenda apresentada, com personagens indígenas nela presentes, é um marco histórico da cidade de Foz do Iguaçu.

Ações a serem executadas, enfoque e observações:

- a) Fazer um planejamento para que saia uma boa contação;
- b) Não enfatizar detalhes simples;
- c) Mostrar entusiasmo ao narrar a história;
- d) Utilizar uma linguagem clara e próxima à escrita com pronúncia adequada.

Constituem o foco deste trabalho, desenvolver a linguagem oral, estimular o gosto pela leitura, além de estimular a comunicação e a fantasia que são as bases para o pensamento criador.

Como parte dessa proposta, adotamos a estratégia de contação, através de uma performance com lenço de pano, atividade em que os alunos da Escola Municipal Adele Zanotto Scalco, das séries iniciais, estarão presentes. Prevemos que será um momento de encantamento com a narrativa, sendo um de nossos objetivos, o respeito a uma das diversas manifestações culturais do povo latino-americano, a contação das lendas.

De acordo com Oliveira (2012), na pesquisa-ação há o envolvimento do pesquisador com os participantes da pesquisa, associada a uma ação ou resolução de problema coletivo por eles vivenciados. Essa definição indica que:

[...] a pesquisa-ação requer o compromisso do pesquisador com a população pesquisada a fim de buscar coletivamente alternativas para resolução dos problemas que afligem essas pessoas ou, mais precisamente, com a comunidade pesquisada. (OLIVEIRA, 2012, p. 74).

A pesquisa-ação se inicia na narrativa da história transportada para o objeto lenço de pano. Para isto, foi montado o local de forma organizada e acolhedora, construindo assim condições que motivem as crianças.

Os recursos tecnológicos utilizados serão filmagem e também projeção em tela para inserção de um fundo com a imagem da lenda. Além disso, será utilizado música indígena tocada através de uma caixa de som.

O intuito desse trabalho é aproximar os alunos ao universo das narrativas e da forma como são veiculadas na contemporaneidade: escrita, bem como de seus portadores, o livro. Isso



para que eles possam estabelecer a relação entre a leitura e a oralidade, visa-se ainda a favorecer a construção do hábito de ouvir.

Antes da narrativa mostraremos a capa do livro para que eles tentem descobrir o que irão ouvir, exploraremos o gênero textual “*lenda*”, propiciando uma intencionalidade para as crianças ouvirem a história.

A lenda é uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos. São repassadas oralmente de geração a geração e sofrem alterações à medida que vão sendo contadas. As mesmas misturam fatos reais com irreais, fornecem explicações plausíveis e, até certo ponto, aceitáveis, para coisas que não têm explicações científicas comprovadas, como acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais.

A pesquisa busca aliar, por meio de um mediador, o prazer da leitura à busca de novos conhecimentos sobre a diversidade cultural do Brasil, pois a lenda advém da cultura indígena brasileira. A mediação é um dos pressupostos teóricos que apoiam a pesquisa.

De acordo com Freire (1989), o mediador¹ que levará o universo da informação de um livro até o aluno pode ser um professor, bibliotecário ou outro profissional que esteja disposto a isso.

Nessa direção Furlan diz que:

ninguém nasce leitor, assim como aprendemos a falar, caminhar, escrever, ler, também nos tornamos leitores. Os pais são facilitadores no processo formativo do leitor, porém se ainda não são leitores nem tudo está perdido. O sujeito não leitor só precisa ser acordado, assim como a bela adormecida, através do encanto e do prazer que a leitura proporciona (FURLAN, 2012, p. 1).

O contador de histórias tem uma tarefa muito importante que é a de envolver a criança na história, dando vida aos sonhos, despertando-lhe as emoções, transportando-a para o mundo da fantasia (MACHADO, 2001, p. 118).

Contar histórias é uma das maneiras de chegar ao universo infantil, aproximar a criança do mundo da leitura, possibilitando que a criança veja a realidade, sonhando e criando seu

¹ Aquele que realiza a mediação, que age como intermediário. Nesta pesquisa, o papel de mediador é atribuído ao contador de histórias (DICIO, 2015).



mundo. O conto oral possibilita a ocorrência da expressão corporal, do improvisado, da e da interpretação e interação entre contador e ouvintes. Ao passo que, o conto lido não oferece estímulos à audiência.

Outro pressuposto teórico é o reconhecimento de que a leitura possibilita a convivência da criança com as diversas esferas sociais de forma autônoma, já que na sociedade letrada contemporânea é preciso estar cada vez mais preparado para lidar com as exigências sociais às quais estamos submetidos.

Podemos entender nesse contexto que aprendemos a ler, nas relações que estabelecemos em sociedade, nas experiências que trocadas e adquiridas com aprendizagens na escola. Nesta perspectiva, entendemos que a leitura não consiste em atividade natural, nem mesmo um hábito. A leitura se adquire através de um espaço interativo, materializado em práticas culturais, históricas e sociais, sendo mediada.

Ainda nesta perspectiva, nas palavras de Borges e Assagra:

Os dados empíricos revelam que no mundo contemporâneo a leitura é uma aprendizagem social, antes de ser escolar, pois seu valor social de comunicação é apreendido no convívio com os materiais escritos circulantes na vida cotidiana das famílias. (BORGES; ASSAGRA, 2010, p. 16).

A “arte de contar histórias” é uma estratégia que contribui para a formação de leitores. Os contadores de histórias são os mediadores desse processo, pois, através da história que eles interpretam, através de seus gestos e performances atraem o público. Nesse processo há o despertar do ouvinte no interesse em apreciar mais histórias.

Assim sendo, podemos entender que, segundo a nossa tradição simbólica formar leitores é conduzir as pessoas, arranjando e organizando situações para que sejam capazes de ver, conhecer, compreender, aprender o que foi articulado por outrem em situações anteriores. Esses comportamentos incluem a participação de diferentes dados sensoriais como a visão, tato, audição, etc. (RAMOS, 2011, p. 23).

Trata-se de uma pesquisa que busca a estratégia da relação entre contador e leitor ouvinte com o objetivo de aguçar o gosto pela leitura, através de vários estudiosos sobre o tema citados ao longo deste trabalho, Donato (2005), Sisto (2005), Torres (2008), Alves (2010), Busatto (2010), Ramos (2011), Lippi e Fink (2012), Amaral (2014) que tratam da contação de



histórias; Bamberger (1988), Faria (1989), Perrot (1998), Zumthor (2000), Machado (2001), Bertolin (2006 e (2010), Santos (2010), Silva (2012), Furlan (2013), Moraes (2013), que abordam a leitura; Guedes (2011), que apresenta a lenda das Cataratas do Iguçu, entre outros.

É relevante conceituar as expressões leitor-narrador e leitor-ouvinte, utilizadas nas histórias: (I) leitor-narrador é todo indivíduo que faz a mediação, o encontro do leitor com diferentes textos, seja de origem escrita ou oral, usando o seu suporte vocal, performance do corpo para ler ou narrar. (II) leitor-ouvinte é todo indivíduo que recebe sua leitura mediada, isto é, que recebe a interferência oral de um mediador (ledor) para se encontrar com diferentes textos, podendo também ser chamado de leitor que lê com os ouvidos, conforme podemos ver nas palavras de Bortolini a seguir:

Ao realizar a oralidade estamos contribuindo com a construção de uma atmosfera que inicialmente é realizada pelo leitor-narrador e posteriormente pelo leitor-ouvinte, na medida em que aumenta a integração entre eles no ato da narrativa. (BORTOLINI, 2010, p. 22).

O sistema educacional estabelece que a escola seja a instituição pedagógica responsável pela formação dos alunos como leitores e escritores, visto que a leitura é uma habilidade de extrema importância para a vida de cada indivíduo, pois, através da leitura, este pode adquirir novos conhecimentos essenciais ao seu crescimento social. Ainda existe uma grande necessidade de formar leitores críticos, não somente para o bom desenvolvimento escolar, mas de modo que os indivíduos sejam capazes de compreender o contexto atual que os cerca.

Nesse sentido, segundo Moraes (2013, p. 131): “não há nenhuma razão para que a escola pública não contribua para o restabelecimento da igualdade de oportunidades, assegurando um ensino adequado da leitura”

Entende-se que, “através da contação de histórias”, o “aluno” possa dar novos significados à sua vida educacional e pessoal. Buscaremos mostrar as evidências e a importância da formação de leitores através da oralidade², na performance do contador de histórias, utilizando a narrativa para mediar culturas através da leitura.

² Oralidade é a transmissão oral dos conhecimentos armazenados na memória humana. Por muitos séculos o sistema oral, a oralidade, foi o principal meio de comunicação dos homens. Em muitas culturas, a identidade do grupo estava sob guarda de contadores de histórias (WIKIPÉDIA, 2015).



Como explica Bortolin (2010, p. 152) “é primordial que o leitor-narrador crie um ambiente propício para recepção do texto pelo leitor-ouvinte. Para que ele se abra a novas possibilidades de leitura”.

Dessa maneira, pode-se perceber a importância da articulação do contador de histórias que, segundo Faria (2010, p.53), “é fundamental que o professor ou o educador conheça bem a articulação texto/imagem, antes de trabalhá-la com as crianças”. De acordo com as palavras do autor, é muito importante que o educador se prepare antes de trabalhar o texto, selecionando com cuidado as histórias.

Machado (2001, p. 67), cita que “a literatura, bem como as outras artes, tem um alcance amplo porque, além de trabalhar a razão e a emoção, lida também com a imaginação, oportunizando o desenvolvimento dessa potencialidade. E nada melhor para transformar o mundo do que o homem criativo”.

O tema desse projeto foi escolhido com a intenção de mostrar a importância da contaçon de histórias para o leitor ouvinte, ou seja, aqueles alunos que “leem com os ouvidos” e que esse aluno adquira a vontade de “ler com os olhos”. Foi levada em consideração também a importância que as Cataratas do Iguaçú, uma das sete maravilhas naturais do mundo, têm para nossa cidade, Foz do Iguaçú/PR, e para a América Latina.

A delimitação do tema é a possibilidade de formar leitores para a vida toda através da contaçon de histórias durante a infância. No entanto, a contaçon de histórias pode não ser uma estratégia com a qual o professor se interesse a trabalhar, perdendo uma oportunidade eficaz e colaborativa para o desenvolvimento da criança.

Estando a presença da leitura como ponto essencial na formação de uma criança, pode-se considerar que o contato direto com os livros e os mais variados meios literários sejam o início para a formação do leitor. Nesse sentido, surgiu a necessidade de conhecer como a contaçon de histórias pode contribuir para o processo de construção do conhecimento, bem como a formação desse indivíduo enquanto leitor crítico. (LIPPI, 2012, p. 21).

Há uma grande necessidade de formar leitores críticos, não somente para o bom desenvolvimento escolar, mas que sejam capazes de compreender o contexto atual que os cerca.

O que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento



intelectual. Cada leitor lê de modo diferente e tira do livro especialmente aquilo que lhe interessa e que o atrai.

Desse modo, este trabalho se propõe a responder a seguinte questão:

Contar histórias é uma estratégia de formar leitores?

Essa questão contribuirá para as trilhas a serem percorridas nesta pesquisa. Hipotetiza-se que, através de uma boa contação de histórias, o ouvinte possa ler com os ouvidos e com os demais sentidos e se tornar um futuro leitor.

Essa pesquisa-ação parte da hipótese de que a contação de história pode favorecer a formação de leitores, defendendo a ideia de que o trabalho de um contador de histórias pode conquistar seus ouvintes.



2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS É UM INSTRUMENTO IMPORTANTE PARA O ESTÍMULO À LEITURA.

Contar histórias é uma arte entre tantas maneiras de se trabalhar com a leitura. A narração acontece principalmente nas séries iniciais, onde a criança é capaz de ler a linguagem através da oralidade, como ressalta Ramos:

A prática de narrar histórias é uma das tantas formas empregadas pelo professor em seu trabalho com a leitura em sala de aula. É muito comum essa prática na Educação Infantil, onde os alunos ainda não dominam a tecnologia da escrita, apenas são capazes de ler a linguagem oral, imagens, gestos e o que está em seu entorno (RAMOS, 2011, p.21).

Ideia reafirmada por Machado (2001, p.20), ainda neste contexto, entende-se que somos cercados por símbolos, e é através desses símbolos que aprendemos a ler o mundo que nos rodeia. Isso também acontece no mundo da leitura. O contador é o que conduz da mesma forma seus leitores, utilizando diferentes maneiras simbólicas através de técnicas performáticas na narração da história, cativando seus ouvintes envolvidos na trama da história contada e mediada entre a linguagem oral.

Ao ouvir uma história narrada, nos deixamos seduzir pela magia das palavras. Durante séculos, essa forma de entretenimento era praticada em todo o tipo de sociedade. Essa magia faz a integração entre o ouvinte e o narrador tornando as palavras realidade.

A contação de história no contexto escolar é um dos recursos que o professor tem disponível para fazer com que seus alunos submerjam no mundo da leitura. E, quando tal acontece, poderão experienciar novos saberes, pois as experiências vividas e sentidas pelo leitor não se encerram ao final da história. (RAMOS, 2011, p. 28).

A narração de histórias como prática de leitura fundamental, contribui para a formação de alunos leitores. No entanto, é essencial que essa estratégia saia do discurso, uma vez que essa prática seja um processo que pode formar o leitor ouvinte a adquirir o prazer pela leitura, tornando-se leitor de livros efetivo. Essa precisa ser uma prática cotidiana no contexto escolar



em todas as etapas de sua trajetória escolar. Esse pensamento é fundamentado por Borges e Assagra:

Lidar com esse organismo vivo, em mutação, que é o leitor – e ao mesmo tempo orientá-lo, de modo a garantir a transmissão do conhecimento –, é tarefa das mais complexas. Para dar conta dela, nas últimas duas décadas pipocaram práticas escolares ocupadas de desburocratizar a leitura, permitindo que acontecesse, em sua magia, também dentro da escola. (BORGES; ASSAGRA 2010, p.43).

Dessa forma, podemos perceber que o trabalho do formador de leitores se torna um desafio, pois estamos vivendo uma crise de leitura. O formador de leitores ainda traz experiências de trabalhar com diferentes textos e diferentes performances, que vai adquirindo na sua bagagem de crenças, nas experiências pessoais, nos modelos de personagens que incorpora ao longo de sua trajetória. É preciso que o contador tenha o cuidado de saber escolher livros que tenham qualidade e que transforme as leituras em momentos de incentivo do texto lido. Segundo Almeida (2011, p. 1), “ler é essencial, pois é através da leitura, que adquirimos os nossos próprios valores e experiências o entendimento que fará que nossas ações sejam certas ou não”.

A história é uma prática narrada, sendo uma das formas de chegar e adentrar no universo infantil, de aproximar a criança ao mundo da leitura e da fantasia, a criança observa o mundo através dessa realidade.

A contação de histórias não é uma arte nova, ela existe desde os tempos remotos de nossos antepassados. Ao narrar histórias estes encenavam suas experiências, seus mitos através de rituais desenvolvidos de geração para geração e, através da narração, deixavam registros como desenhos rupestres³ que encontramos ainda hoje nas cavernas. Naquele momento era a forma que possuíam para falar entre si.

³ Constituído por pinturas, gravuras ou qualquer representação deste tipo feitas na rocha. É chamado de arte rupestre o conjunto de figuras encontradas em paredes de cavernas e outros abrigos. Estes desenhos começaram a ser feitos pelos homens há cerca de 40.000 anos atrás. Já nesse período os homens viviam em grutas e cavernas e, em suas paredes, desenhavam cenas de suas vidas, de rituais religiosos, além de plantas, sementes, animais, flechas, astros entre outros. Todos esses registros são importantes, porque nos permitem hoje saber mais sobre a vida dos nossos antepassados, sobre seus costumes e sua forma de ver e representar o mundo. Nestes desenhos, os povos pré-históricos deixaram registrados um pouco do seu tempo (COLONESE; SILVA, 2015).



O trabalho com as palavras e a utilização de contos vem de uma cultura oral tudo é reflexo da reunião coletiva de um povo. Os mais antigos são vistos como os mais sábios, aqueles que têm conhecimentos e experiência para ensinar a nova geração.

Eventualmente, conhecemos melhor o mundo e um pouco de nós mesmos através da experiência de cada história, tais como sentimentos e pensamentos, fantasias e interesses, partilhados pelos livros.

Os livros nos levam a outros tempos, em lugares distantes e através deles conhecemos outras culturas, e aprendemos coisas novas. Podemos viajar para qualquer lugar através de um livro. Deparamos com dilemas que nós nunca poderíamos imaginar que encontraríamos. Ramos. (2011, p.29) ressalta que “os livros nos ajudam a sonhar, fazem pensar”.

A família é peça fundamental para formação do leitor, pois é em um ambiente cercado de livros que o indivíduo se habitua a esse ambiente de leitores e esse indivíduo cresce mediado no mundo da leitura através de seus pais. Para as crianças, a mãe e o pai são seres amados, são exemplos e se identificam com os pais, gostam do que eles gostam, fazem o que eles fazem, essa reprodução de identidade tem raízes biológicas.

Também encontramos outras formas de mediação. Segundo Silva (2012), “A mediação da leitura também pode ser realizada pelos contadores de histórias, estes profissionais necessitam de melhor fundamentação teórica sobre leitura e literatura para auxiliar, de forma efetiva no processo de aprendizagem do aluno”.

Temos também nas palavras de Bamberger (1998, p.71), “a prontidão para a leitura é determinada, em grande parte, pela atmosfera literária e linguística reinante na casa da criança.” O que reforça a importância de a família mediar essa atividade na vida da criança, remetendo ao pensamento de que a proximidade com familiares e o aconchego do lar possam contribuir com experiências enriquecedoras para a formação de leitores. Sobre o contexto familiar, Perrot afirma que:

Acredito não precisar insistir muito em certos fatos como, por exemplo, na evidência de que as dificuldades de leitura não podem ser inteiramente explicadas através de referências sistemáticas ao ambiente social da criança, pois são, em parte, consequência de uma disfunção afetiva dentro do seio da própria família. (Perrot, 1998, p.1).



A ideia de formar uma sociedade leitora, de estimular o gosto pela leitura em crianças e jovens é um trabalho constante, devendo ser desenvolvido por todos, partindo desde a base que é a família, seguindo em direção às etapas da vida da criança.

Partindo do pressuposto que a criança cresce em um ambiente familiar em que seus pais têm o hábito da leitura, e estes leem para seus filhos, em conjunto com a escola, pode criar uma estratégia para formar leitores. Machado (2011, p.70) afirma que “a formação do gosto de ler começa muito cedo, já na família, através das cantigas folclóricas, da literatura infantil oral (tão esquecida hoje em dia) e do contato com os livros, criando atitudes positivas em relação à leitura”.

Faz-se necessário que os educadores ofereçam opções para a criança trilhar o seu caminho tornando-se um cidadão crítico. Isso pode ser feito a partir da motivação pela leitura desde as séries iniciais e também na escolha do tipo de leitura e de técnica que pode ser utilizada na contaçon da história. Tornando-se algo natural que faça parte da construção do caráter e da educação de cada indivíduo.

Através de uma boa contaçon de histórias o ouvinte passa a ler com os ouvidos e pode se tornar um futuro leitor. Contudo, o grande salto só ocorrerá se o narrador souber transformar a narração oral em uma experiência artística de um momento único. Para isso, é necessário um narrador que seja um grande leitor. Além de ter uma preparação como contador de histórias, precisa ter habilidade para escolher obras que reúnam comprovadas qualidades literárias. Por essa razão, o contador deve amar o que faz, deve dar o melhor de si e de seus gestos, pois é através de seu desempenho que ele conquistará ou não os leitores.

Ao realizar seu trabalho, o contador de histórias doa seu afeto e sua experiência de vida. Por esse motivo, é preciso haver interação entre o narrador e o conto narrado. Ele deve contar histórias com o coração, e não, somente, com a obrigação de que a história vai colaborar com os conteúdos.

Sisto acrescenta que:

além disso, sabemos que a história narrada, por escrito ou oralmente, nos permite entrar no universo de assimilação, isto é, contar histórias para as crianças permite conquistas, nos planos psicológico, pedagógico, histórico, social, cultural e estético. (SISTO, 2005, p. 1).



O incentivo à leitura deve acontecer desde os primeiros anos de vida para que a criança seja, no futuro, uma leitora praticante, atuante e tenha a consciência da sua importância na sociedade e também no mundo.

Com relação a formação de leitores, Machado considera que:

As motivações para a leitura e os interesses por ela diferem não só para os vários grupos de idade, mas também para cada tipo de leitor. As tipologias se baseiam nas técnicas de leitura ou na preferência por determinada espécie de material de leitura. (MACHADO, 2011, p.111).

Ainda segundo o pensamento de Sisto:

Quando se conta uma história, começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico. A palavra com seu poder de evocar imagens vai instaurando uma ordem mágico-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional [...] é ele o elo da comunicação. (SISTO, 2005, p. 28).

A oralidade é uma reunião entre leitor narrador e leitor ouvinte que agregam experiências e somam aprendizados. Nesse sentido, é de suma importância que o leitor narrador tenha uma integração com o leitor ouvinte. Encontrar o caminho para a formação do aluno leitor talvez seja o maior desafio dos educadores em nosso tempo histórico, em que ainda está arraigada a ideia de uma educação baseada na memorização mecânica e técnica de conteúdo. Seguindo este raciocínio, Bortolin afirma que:

Ao realizar a oralidade estamos contribuindo com a construção de uma atmosfera que inicialmente é realizada pelo leitor-narrador e posteriormente pelo leitor ouvinte na medida em que aumenta a integração entre eles no ato da narrativa. (BORTOLIN, 2010, p.22)

Ao contar histórias é preciso uma preparação, um estudo, selecionar bem o texto, pois estamos lidando com um público sedento para ouvir uma boa história, ou seja, o público espera que seja um momento único em suas vidas. Conseguimos, através da história narrada, permitir ao leitor ouvinte que ele próprio construa suas ideias, através da história contada, criando assim



uma integração entre o contador e o leitor ouvinte. Esse trabalho colabora para a construção do caráter e da formação educacional. Entretanto, segundo Santos (2010, p. 2), ainda hoje nas escolas, “o processo de alfabetização nacional tem por objetivo a formação do leitor que seja capaz de ler os símbolos, e que geralmente é entendido apenas na forma de palavras, letras, e gêneros narrativos textuais”.

Por isso, de acordo com Bortolin,

O contador de histórias tem que ter paixão pelo que faz, tem que ser criativo, ter um olhar clínico ao seu público. Saber utilizar diversos mecanismos e ferramentas para uma boa contaçon de histórias. É importante aprimorar e desenvolver um bom trabalho onde cada momento possa surpreender aquele que ouve a história (BORTOLIN, 2010).

Um detalhe muito importante ao contar histórias é utilizar gestos, o tom da voz, tudo isso requer do contador uma boa preparação. Gregório (2013, p.01) indica que “contar histórias é a arte de usar palavras, gestos e presença de palco para agradar àqueles que emprestam os seus ouvidos”.

Uma das ferramentas que tem tido mais prestígio é a performance. Ela, em conjunto com a contaçon de histórias, torna concreto o imaginário. É como tirar o personagem das escritas de um livro para a realidade. Nesse momento é oportuno enfatizar o pensamento de Ramos (2011, p.38): “a performance do contador, entendida enquanto fator constitutivo da sua prática, é crucial para a eficácia da transmissão do conto, portanto é um aspecto importante a ser levado em conta quando de sua narrativa”.

Dessa maneira, pressupõe-se que um contador de histórias esteja pronto para o ato de ler, contudo, possuindo atributos essenciais como o desejo de ler e principalmente, aliando o texto com a performance.

Todos esses exemplos comunicam e chamam a atenção do leitor, pois transmitem movimento dos personagens. A performance tem esse poder de encantamento.

Eleger uma boa história e preparar uma performance que seja atraente é fundamental para o contador de histórias, pois ele vai fazer a mediaçon entre o leitor ouvinte permitindo-lhe adentrar na história. Segundo Ramos (2011, p.40), “outro aspecto fundamental durante a performance do contador é o do seu olhar. É ele que pode convidar o ouvinte a adentrar na história”. Ou seja, o contador deve ter um olhar clínico, observar seu público, saber transformar



a contação em algo atraente onde o leitor ouvinte sinta prazer no ato de ouvir a história narrada e que, através dessa mediação possa despertar para o hábito da leitura.

Na seleção de objetos e recursos cênicos para se contar uma história, é de suma importância que o contador escolha poucos objetos e tome cuidado em não utilizar uma variedade muito grande de elementos, pois isso pode dispersar a audiência e tirar o foco da história. Além desses recursos outras estratégias devem ser tomadas, como podemos ver no trecho a seguir:

Atentar para o ritmo da fala, projetar a voz, pronunciar as palavras com clareza possível, tornar expressivo o que se diz, descobrir a musicalidade das frases, postar-se de forma correta, fazer contato visual com o público e confiar na sua contação são elementos chaves que o contador de histórias deve levar em conta para produzir uma boa narração. (SISTO, 2005, p.25)

É no momento que o contador conta a sua história que o ouvinte vai tecendo as imagens na esfera da performance. O contador tem essa capacidade de fazer com que o outro crie imagens, sonhe, imagine estar dentro da história para que ambos, contador e ouvintes, possam viajar juntos. Ramos cita que:

Resgatar a arte de contar histórias, além de incentivar a escuta, imprescindível para a boa convivência social e para uma boa leitura, propicia a quem as escuta o (re) encontro com o novo. Nesta situação o imaginário e a criatividade são potencializados em um mesclar de realidade e magia, pois o ouvinte poderá ler como imagens a performance da fala do narrador (RAMOS, 2011, p.41).

O contador deve estar integrado com o texto e também com a performance que ele preparou para aquela contação. Tudo deve estar em equilíbrio, o tom da voz, os gestos, os movimentos corporais, é importante que o contador não utilize muitos objetos para não confundir as crianças no momento da história.



A naturalidade implica na simplicidade e no desempenho do contador com a história oral. As artificialidades durante as falas e a atuação mal desenvolvida, podem comprometer o contador perante seu público. Sisto (2005, p.22) garante que “quem conta tem que estar disposto a criar uma cumplicidade entre a história e o ouvinte, oferecendo espaço para o ouvinte se envolver e recriar”. Ramos também aponta a importância que:

O corpo também assume um papel importante na transposição do texto impresso para a narração oral. O corpo fala por si só. Os gestos devem ser verdadeiros, ou seja, resultar de emoções de fato vivenciadas. Gestos comedidos, controlados, geram cansaço e incredibilidade no ouvinte perante aquilo que está sendo narrado. (RAMOS, 2011, p. 40).

O corpo passa a ser um instrumento chave que o contador deve usar como ferramenta, estar atento a suas reações e seus gestos, transmitir ao leitor ouvindo o mais natural possível a história narrada. O que é referendado por Busatto:

O conto é um excelente instrumento para o treino auditivo. Ao ouvir um texto bem lido ou narrado, aprendemos a correta sonoridade das palavras, percebemos o ritmo impresso pelo narrador, sentimos os sons do silêncio, nos envolvemos com sua musicalidade e com sentimentos que emergem do conto. (BUSATTO, 2011, p. 40).

A contaçon tem sido uma forma de levar os alunos a se interessarem pelas histórias, com o propósito de aguçar o interesse desses alunos para o despertar ao mundo da leitura (BORGES; ASSAGRA, 2010).

Como os dados dessa pesquisa-ação foram extraídos da contaçon de uma lenda da região, foi necessário escolher uma história atraente para o público alvo: a lenda das Cataratas, cuidados como esse são de suma importância que o contador deve assumir ao contar histórias.



3 A CONTAÇÃO E A PERFORMANCE

A contação foi feita na Escola Municipal Adele Zanotto Scalco – Educação Infantil e Ensino fundamental. Está localizada na Avenida Javier Koelbel, 1923, Vila Boa Esperança. Nesta escola será performatizada a história escolhida. A performance⁴ é a maneira diferente de contar história, mas, apesar de haver alguns cuidados a serem tomados, não existe uma receita para uma boa performance. Existem pessoas com a criatividade de desenvolver uma boa contação através de vários recursos, no caso desse projeto, estaremos contando a lenda das Cataratas do Iguazu através de um lenço de pano.

O conceito de performance nas artes é a realização de um espetáculo, seja, numa peça, numa dança, numa representação, numa contação de histórias.

A performance marca identidades, é a atuação na realização de um trabalho. Ela pode acontecer na pintura, nas palavras de um livro criando uma interação e relação entre o performer e seu público.

Escolhemos a performance com um lenço de pano por ser prático e simples. A performista estará vestida de preto para que a atenção do público seja somente para o lenço, pois este instrumento será o protagonista da história que representará três personagens principais da lenda das Cataratas: Naipi, Tarobá e o Deus Serpente M'Boi. É de suma importância que a lenda seja perfeitamente transportada para o objeto escolhido, no caso, o lenço.

Além disso colocaremos um fundo musical indígena para produzir um efeito de encantamento durante a história contada.

O conto de literatura ainda é visto com olhos pequenos, basta perceber o que acontece com os nossos mitos e lendas. Eles só recebem destaque no mês do folclore, acentuando assim o caráter folclórico, no sentido de curioso e pouco digno de crédito, com o qual se trata a nossa cultura. (BUSATTO, p.38, 2011).

⁴ Performance é um substantivo feminino com origem na língua inglesa que significa realização, feito, façanha ou desempenho. A palavra performance vem do verbo em inglês "to perform" que significa realizar, completar, executar ou efetivar (GUIMARÃES; CABRAL, 2015).



Em síntese, reafirmamos que a leitura só é interessante quando há interação entre o texto e o ouvinte, sendo este o núcleo do projeto que propomos.

3.1 A PERFORMANCE DA LENDA DAS CATARATAS DO IGUAÇU

Na sequência, será ilustrada o formato abordado de performance com um lenço de pano, em alguns momentos durante a contação da lenda das Cataratas do Iguazu. A Figura 1 indica o momento de início da contação.

Figura 1 - O início da contação na escola Adele Zanotto Scalco em Foz do Iguazu/PR.



Fonte: autora, 2015



Conta-se que os índios Caiguangues acreditavam que o mundo era governado por M'boi, o Deus com forma de serpente (Figura 2).

Figura 2 – O Deus M'boi representado por gestos e um lenço de pano.



Fonte: autora, 2015

Tupi, o cacique dessa tribo, tinha uma filha chamada Naipi. Ela era tão bonita que quando se olhava nas águas do rio, as águas paravam em contemplação a sua beleza. Devido a isso, Naipi foi consagrada a M'boi (Figura 3).

Figura 3 - O momento em que as águas "param".



Fonte: autora, 2015



Havia porém um jovem guerreiro chamado Tarobá. Ele, ao ver Naipi pela primeira vez, logo se apaixonou (Figura 4).

Figura 4 – O momento do encontro de Naipi e Tarobá.



Fonte: autora, 2015

No dia da consagração da bela índia, enquanto o Pajé e o cacique bebiam uma espécie de bebida fermentada de milho, Tarobá aproveitou para fugir com Naipi numa canoa rio abaixo (Figura 5).

Figura 5 - A fuga de Naipi e Tarobá no rio Iguaçu.



Fonte: autora, 2015



Quando M'boi percebeu a fuga de Naipi e Tarobá, ficou furioso, penetrou nas entranhas da terra e retorcendo o corpo partiu a rocha onde se formou as cataratas do rio Iguazu.

Envolvidos pelas águas a canoa virou e os fugitivos caíram desaparecendo para sempre (Figura 6).

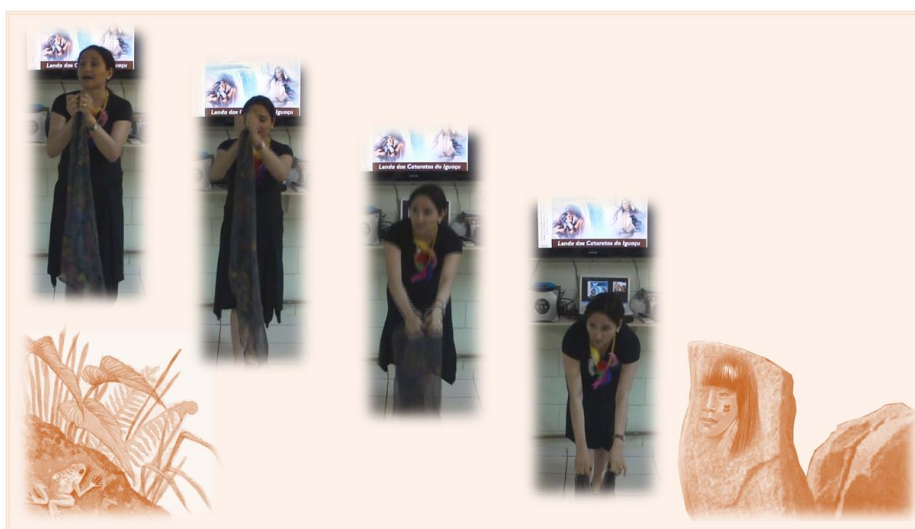
Figura 6 - Momento do "bote" de M'Boi e formação das Cataratas do Iguazu.



Fonte: autora, 2015

Diz a lenda que Naipi foi transformada em uma rocha (Figura 7).

Figura 7 - O feitiço de M'Boi contra Naipi.



Fonte: autora, 2015



Tarobá foi transformado em uma palmeira, situada à beira do abismo (Figura 8).

Figura 8 - O feitiço de M'Boi contra Tarobá.



Fonte: autora, 2015

Debaixo dessa palmeira acha-se a entrada de uma gruta sob a garganta do Diabo onde mora o monstro vingativo (Figura 9).

Figura 9 - O esconderijo de M'Boi.



Fonte: autora, 2015



Contudo, o amor entre Naipi e Tarobá é maior. Dizem que, quando surge o arco íris no céu, é o encontro de Naipi e Tarobá, os dois apaixonados (Figura 10).

Figura 10 - Formação do Arco-Íris (símbolo do reencontro dos amantes).



Fonte: autora, 2015



4 DIRETRIZES METODOLÓGICAS

Neste capítulo, são apresentados os caminhos percorridos para a concretização dessa pesquisa, bem como todo o trabalho realizado para obter os dados do universo pesquisado.

4.1 COLETA DOS DADOS

Para coletar os dados dessa pesquisa foram aplicados questionários aos alunos e educadores para saber os efeitos da performance da Lenda das Cataratas do Iguaçú. Os passos desse processo estão descritos a seguir.

Para verificar se o objetivo dessa pesquisa foi cumprido, após a realização da contaçon, houve uma avaliação. Foi entregue uma ficha (apêndice C) para uma primeira avaliação do efeito da contaçon nas crianças sobre o desejo de ler.

A contaçon foi realizada na biblioteca da escola que possuía os recursos necessários na realização do evento, além de que os livros estavam disponíveis e ao alcance dos alunos.

Contudo, para maior objetividade da percepção do resultado alcançado, aplicamos um questionário para o professor da turma, após duas semanas de revisão da contaçon, no qual as perguntas foram relacionadas com o interesse de leitura dos alunos. Esse prazo foi necessário porque as crianças ainda estavam envolvidas com a história.

Solicitamos aos educadores observar se o desejo de ler foi despertado nos alunos, e se buscaram livros na biblioteca da escola. Também aplicamos aos professores um questionário para avaliação do desejo de ler de cada aluno (Apêndice B).

Por exemplo: se dos 25 alunos, 19 despertarem a vontade de ler, teremos o índice de 76% de alunos que despertaram a vontade de ler outros livros, o que pode ser considerado positivo.



Essa verificação também será feita na biblioteca, sobre quantos alunos emprestaram ou leram livros.

A pesquisa teve os seguintes passos: Revisão bibliográfica de estudos sobre contação de histórias, visita a uma escola, realização da performance da Lenda das Cataratas do Iguaçu, uso da metodologia da Contação de Histórias com o objetivo de observar crianças leitoras onde foram verificadas as reações causadas nos estudantes que participaram do evento. Nesse sentido, no momento da contação de histórias, um dos recursos utilizados foi um lenço de pano. Foi narrada a história através desse lenço, transformando esse objeto em três personagens principais da lenda: Naipi, Tarobá e M'Boi, o Deus serpente. Com fundo musical indígena e projetor com imagem de Naipi e Tarobá ao fundo. Ao final, será observado o comportamento e reação de cada aluno.

4.2 UNIVERSO DA PESQUISA

Participaram da pesquisa: 107 alunos, 4 professores, 1 bibliotecária e a autora como pesquisadora e contadora da história que faz parte desse trabalho investigativo.

4.3 TRATAMENTO DOS DADOS

A interpretação dos resultados obtidos da contação da Lenda das Cataratas do Iguaçu foi dividido em dois aspectos (através de 1 exercício quantitativo e 2 exercícios qualitativos).

Para Oliveira (2012), ao se adotar a pesquisa qualitativa, faz-se necessário delimitar espaço e tempo ou, mais precisamente, o corte epistemológico para realização do estudo segundo um corte temporal-espacial (período e lugar). Por esse motivo, a prática de combinar técnicas de análise quantitativa com qualitativa, proporciona maior nível de credibilidade e validade aos resultados da pesquisa, não se reduzindo a apenas uma opção de análise.



Dessa forma, pode-se compreender que as abordagens quantitativas e qualitativas não se excluem, mas se completam uma vez que há fatos que são do domínio quantitativo e do domínio qualitativo em uma mesma pesquisa.

4.3.1 Qualitativo (performista)

Através da percepção da contadora da lenda das Cataratas do Iguazu, em seus aspectos sensoriais (visual, sonoro) em relação ao comportamento dos alunos da Turma em momentos anterior, durante e depois do evento. Será elaborado um documento para cada Turma e também outro contemplando o período de todos os eventos, ao longo do mês de agosto de 2015 na Escola Municipal Adele Zanotto Scalco. Serão avaliados os aspectos contidos na Literatura consultada sobre a temática da contação de histórias e o resultado será exposto sob a forma de formulário.

4.3.2 Qualitativo (professor da turma)

Através da análise de um questionário entregue para o professor responsável pela turma (Apêndice B). O conteúdo contempla as questões a seguir:

1 – Qual o comportamento dos estudantes durante e após a leitura?



Essa questão irá avaliar a reação⁵ das crianças durante e logo em seguida à performance da lenda das Cataratas. O objetivo é observar as expressões de espanto, surpresa, riso, indiferença entre outros e suas conexões de acordo com o andamento da contação. Tem-se como resposta adequada (positiva) a essa pergunta, reações advindas da maioria dos alunos, indicando que houve interação nos momentos em que a história foi contada.

2 – Os alunos prestaram atenção na contação da história?

Para avaliar essa questão, a percepção sensorial do professor será o principal fator na mensuração deste item. Para auxiliar na tomada de decisão, logo após a contação será distribuída uma folha com espaço para que o aluno pudesse se expressar livremente, sob a forma de desenhos/ilustrações o seu entendimento sobre o evento. Com o objetivo de avaliar os desenhos pode-se levar em consideração a presença dos seguintes elementos em seu conteúdo:

- a) Personagens envolvidos na história: O Deus Serpente (M'boy) e os índios Naipi e Tarobá;
- b) Cenário: Cataratas do Iguaçu, Arco-Iris;
- c) Sentimentos: Romance (Corações), Medo (M'boy), Felicidade (Naipi e Tarobá unidos)
- d) Cores dos elementos: Quantidade e acabamento no preenchimento dos elementos presentes no desenho.

A falta desses elementos ou a inclusão de outros elementos fora de contexto com a história contada indica que o aluno pode não ter assimilado adequadamente a performance.

3 – Você professor, percebeu uma mudança dos alunos após essa contação?

⁵ O envolvimento afetivo com a história narrada permite maior flexibilidade ao narrador, pois ele poderá perceber como ela atua junto aos ouvintes (em tempo real), e assim conduzir a narrativa para que aquelas demandas sejam atendidas. São essas identificações entre narrador e o conto narrado que fazem a diferença; ou existe essa integração, ou a narrativa deixa de ser uma experiência compartilhada, e passa a ser um simples repasse de informação, e nesse caso a história nem precisaria ser contada (BUSATTO, 2011, p.48).



A percepção do professor será avaliada neste ítem. A resposta considerada adequada será aquela que indicar uma mudança de comportamento (no ato da contação) e na sequência, em relação ao aumento de empréstimo de livros (de forma espontânea) por parte dos alunos. Se houver esse aumento, há um indicativo de que o evento motivou os alunos a lerem.

4 – Ouve maior interesse na história contada?

Esse questionamento se refere à temática abordada no evento. A escolha de uma lenda regional para o evento pode aumentar o interesse sobre os aspectos culturais do local onde os alunos residem. Será avaliada como positiva a resposta “SIM”, na percepção dos professores. O espaço temporal dessa resposta vai do momento do evento até duas semanas após, através do recolhimento dos questionários.

5 – Você percebeu melhora na atenção desses alunos?

Como resposta adequada (positiva) a essa pergunta, a percepção do professor da turma deverá ser contínua (durante uma semana) após o momento do evento. Os aspectos a serem avaliados são os ligados à qualidade de leitura (em textos ditados, histórias contadas entre outros)

4.3.3 Quantitativo

Através da análise de questionários entregues aos alunos da turma em seguida ao evento (Apêndice C). A lista de perguntas será recolhida no momento em que todos da sala terminarem de responder. O conteúdo contempla as questões que serão descritas logo a seguir. A didática proposta (para facilitar a escolha face à faixa etária envolvida) em relação às opções dos alunos



foi o uso de 3 figuras de faces, com três cores diferentes e três reações distintas, conforme segue (Figura 11).

Figura 11 – Faces avaliativas.



Fonte: autora, 2015

Nos formulários dos alunos serão abordadas as seguintes questões:

1 – A contação de histórias foi:

A resposta positiva por parte dos alunos será a opção pela face “sorriso” (o que significa o grau “ótimo”). Se o aluno responder com um “X” sobre a face “séria” (e que significa “mais ou menos”) a contação da lenda foi indiferente ao aluno pesquisado. Já, se ele marcar a opção “não gostei” (face “triste”) irá indicar que o retorno do aluno em relação ao evento foi negativo.

2 – A contação despertou sua vontade de ler?

Dentre as três opções presentes, se o aluno marcar a opção “sorriso” (que traduz “muito”) irá indicar que o evento serviu para motivar a prática de leitura por parte do participante. Se a alternativa marcada for a face “séria” (figura na cor “laranja”) o resultado se traduz como indiferente para o aluno, ou seja, não motivou nem desmotivou em relação à vontade de ler. A marcação na face “triste” indica que a contação não despertou a vontade de ler do participante.



3 – Depois dessa contação você pensa em pegar um livro que conta histórias?

As alternativas possíveis para essa pergunta são três. A marcação na face “sorriso” (na cor “amarela”) indicará que o aluno foi motivado pelo evento (contação da lenda das Cataratas do Iguaçu) e que irá (dentro de pouco tempo) emprestar livros que contam histórias. Na avaliação essa é a melhor resposta (positiva) dentre as possíveis. Se o aluno assinalar a opção da face “séria” (que indica “vou pensar mais”) significará que ele tomará a decisão de emprestar ou não um livro que conta histórias em um pouco mais de tempo. A terceira face (“triste”), se assinalada, indicará que a contação não exerceu força motivadora sobre o aluno nesta questão.

4 – Antes dessa contação você pegava livros?

Essa questão avaliará, de forma mais generalista (e não especificamente sobre livros de contação de histórias) sobre o hábito de leitura anterior a performance. Se a marcação “X” estiver sobre a face “sorriso”, indica que o aluno frequentemente pegava livros emprestados para leitura (o termo “frequentemente” poderá ser entendido como semanalmente). A opção pela resposta “raramente” (face “séria”) indica que o aluno não tinha o hábito da leitura em momento anterior ao evento (entenda-se como “raro” menos de um livro por mês). Existe a possibilidade de marcação sobre a alternativa da face “triste”, o que indicará que o aluno não praticava o hábito da leitura anterior a performance.

Utilizando os dados fornecidos pela turma, nessas questões, será sintetizado um conjunto (Formulário) contendo uma tabela, com as quantidades de respostas de cada pergunta, um gráfico, do tipo histograma. A confecção dessas tabelas e gráficos irá auxiliar na interpretação dos dados coletados e no direcionamento das ações a serem aplicadas. Será efetuado um comparativo entre as turmas (A, B, C e D) em relação à média de todas as turmas e também um panorama geral do processo envolvendo todas as repostas de todos os alunos das quatro turmas. Para interpretação desses elementos, deverão ser observados os seguintes detalhes, expostos na Figura 12.



Figura 12 - Composição do formulário de resultados de cada turma avaliada.



Fonte: autora, 2015

I – Cabeçalho, contendo os campos “Turma”, “Série”, “nº de alunos” e “data da performance.”

II – Tabela, contendo os números em relação às perguntas e respostas. Também há um campo para o número de alunos que não responderam determinada questão (campo “NA”).

III – O histograma detalhará as quantidades de resposta de cada pergunta e será possível comparar visualmente as opções assinadas em todas as questões. Será útil levando em consideração que as perguntas do questionário são diferentes e o tratamento a elas devem ser separados, tendo em vista às ações de melhoria que podem ser implementadas.



5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 TURMA A

De acordo com o questionário previamente elaborado e levando em consideração os aspectos a serem avaliados tem-se os seguintes resultados em relação á intitulada turma A (2º ano), cujo questionário foi aplicado logo em seguida à contação da lenda das Cataratas do Iguazu no dia 06/08/2015 (Formulário 1):

Em relação a pergunta nº1 o índice que avaliou no geral a contação da lenda como um todo na percepção de cada aluno que esteve presente, obteve um percentual de 96% na opção da “carinha com sorriso” o que representa ótima aceitação por parte daqueles que estavam presentes. Nesta pergunta participaram todos os 25 alunos e apenas 1 deles assinalou a opção “mais ou menos” (4%).

O questionamento sobre a vontade de ler após a contação da lenda obteve 96% das opções assinaladas na condição que representa a maior graduação dentre as três opções possíveis. (que são “muito”, “mais ou menos” e “não”). Também como no item anterior (Pergunta 1) houve apenas uma indicação de “mais ou menos” o que representa 4% no total. Todos os alunos também responderam esta questão.

Na abordagem que se tratava sobre o estímulo de ler um livro após a contação da lenda foi obtido um resultado de 88% na opção “rapidamente” o que significa que a grande maioria dos alunos presentes em sala de aula despertaram o interesse sobre a leitura (de livros de contação da história) e que emprestariam um livro sobre o assunto na biblioteca. Nesta questão a opção “vou pensar mais” foi assinalada em 12% (3 alunos) em 12% dos questionários aplicados. Ressalta-se que a opção da “carinha triste” e que representa “ não vou pegar” não foi assinalada por nenhum aluno.

No item (pergunta nº4) que questionava sobre o empréstimo de livros anterior à performance da lenda das Cataratas do Iguazu os alunos responderam:



- **Frequentemente:** 88% (22 alunos) isso significa que a turma A já possuía uma boa orientação em relação ao estímulo à leitura. Boa parte se deve ao fato do professor dessa turma se apoiar na criação de incentivos à leitura, como é denominado “espaço” cantinho da leitura que se localiza ao fundo da sala de aula.
- **Raramente:** 8% (2 alunos) essa opção foi muito pouco assinalada e isso indica que quase todos tinham hábito, anterior a contação da lenda, de ler livros.
- **Não pegava:** 4% (1 aluno) o resultado dessa alternativa ressalta ainda mais que os alunos já praticavam o hábito da leitura anterior ao evento realizado.

Logo após a aplicação das sequências de perguntas, foi desenvolvida a habilidade de interpretação e criatividade com a distribuição de uma folha para cada aluno desenhar, ilustrar e pintar, à sua maneira, sobre a contação da lenda das Cataratas do Iguaçu, essa atividade complementar reforçou a grande capacidade interpretativa da turma, haja visto que os desenhos recolhidos na semana posterior ao evento representaram algum (alguns) momentos durante a contação da lenda. (Muitos ilustraram Naipi e Tarobá juntos em meio às águas das Cataratas do Iguaçu). Exemplos de alguns desenhos estão presentes no Desenho 1 e uma coletânea complementar no Apêndice H, ao final do trabalho.

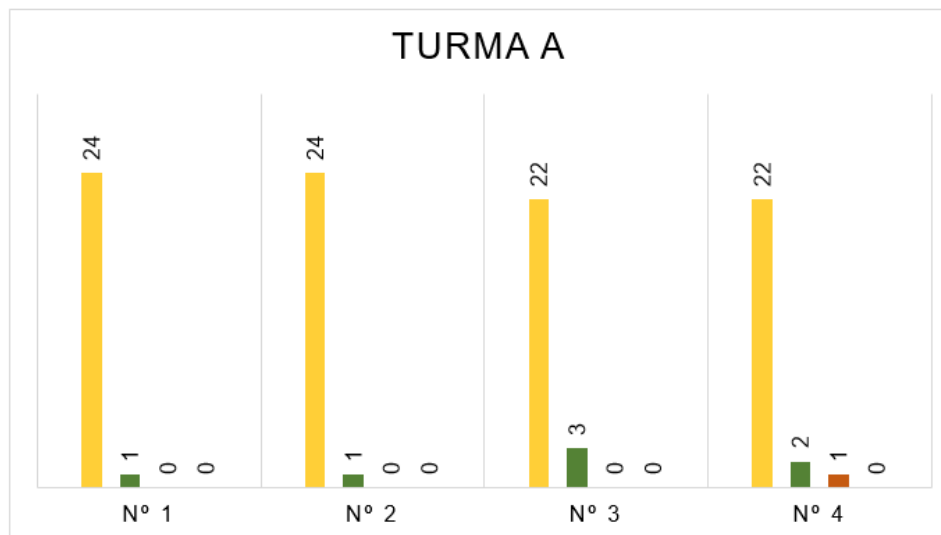


Formulário 1 - Resultados da Turma A.

TURMA A
SÉRIE 2º ANO
ALUNOS 25
DATA 06 de agosto de 2015

RESULTADOS

Pergunta	Respostas			NA
	😊	😐	😞	
nº 1	24	1	0	0
nº 2	24	1	0	0
nº 3	22	3	0	0
nº 4	22	2	1	0
TOTAL	92	7	1	0



OBS.: (NA) Não assinalou nenhuma resposta na questão

Fonte: autora, 2015

Podemos perceber no primeiro desenho (Desenho 1-I), elementos que constitui a lenda das Cataratas do Iguaçu tais como a palmeira que representa Tarobá após ser transformado por M'Boi além das cataratas e a gruta com o Deus serpente M'boi. Na sequência, O segundo desenho (Desenho 1-II) tem o casal Naipi e Tarobá na canoa que desce as águas do Rio Iguaçu. Já no terceiro desenho (Desenho 1-III), encontramos três elementos da lenda: Palmeira, Rocha e Cataratas. Seguindo adiante no quarto desenho (Desenho 1-IV) podemos perceber a tribo dos Caiguangues e o jovem guerreiro Tarobá a beira do Rio Iguaçu.



Desenho 1 - Seleção de trabalhos da Turma A.



Fonte: alunos da Turma A, 2015

5.2 TURMA B

Utilizando o “questionário de opinião dos alunos” que fora previamente elaborado com a função de avaliar aspectos que envolviam a contação da lenda em detrimento a leitura de livros e tomando como base os resultados relacionados a turma B (3º ano), em evento realizado na data 13/08/2015, tem-se:

A pergunta nº1 da lista, que mensura a qualidade da contação da lenda, em termos gerais, teve a opção “ótima” assinalada em todas os formulários aplicados, ou seja, nenhum dos alunos marcou a opção “mais ou menos” ou “não gostei” fato este que comprova a grande aceitação por parte das crianças, o total presente em sala de aula foi 26 alunos.

Em relação à vontade de ler em seguida ao evento da contação da lenda das Cataratas do Iguaçu apresentou 88% das marcações na opção da “carinha feliz” (representando a opção



“muito”). Apenas 8% assinalaram em mais ou menos (2 alunos) indicando incerteza em relação à vontade de ler 4% (1 aluno) optou por responder a opção “não”, o que indica que a contação não motivou a leitura de livro.

Cerca de 88%, quando questionados sobre os empréstimos de livros após o evento respondeu que “rapidamente” (“carinha feliz”) pegaria um livro, ou seja, o evento desencadeou o interesse pela leitura. Apenas 1 aluno marcou “X” na opção “vou pensar mais”, indicando indecisão neste quesito. Já na opção “não vou pegar” houve também a marcação por parte de 1 único aluno (4%). Dentre os que marcaram, apenas 1 questionário (1 aluno) não assinalou nenhuma opção referente as três disponíveis.

Analisando a 4ª pergunta do questionário aplicado a essa sala (turma B), tem-se 62% (16 alunos). Através desse dado pode-se entender que umas partes desse grupo não emprestavam livros, antes da contação da lenda.

- **Raramente:** 23% (6 alunos). Com esse n° de marcações sobre esta resposta é possível traçar um perfil relacionado a ações que proporcionam estímulos a leitura (uma dessas ações é a contação de histórias).
- **Não pegavam:** 15% (4 alunos) marcaram “X” que não tinham o hábito de pegar livros emprestados antes da contação dessa lenda regional. Essa opção analisa o momento anterior ao evento.

Em seguida a coleta do questionário “já preenchidos” pelos alunos, foi distribuído uma folha indicando um espaço para que o aluno pudesse se expressar em termo a interpretação e criatividade. Essa atividade também avaliou a capacidade de atenção e interpretação da lenda contada. O professor da turma recolheu os desenhos alguns dias após o evento realizado. Exemplos de alguns desenhos estão presentes no Desenho 2 e uma coletânea complementar no Apêndice I, ao final do trabalho. A maioria dos desenhos foram marcados pelo momento em que Naipi e Tarobá se encontraram em meio as águas do Rio Iguaçu, nas Cataratas do Iguaçu. Alguns também desenharam uma serpente representando M’boi (o Deus serpente).

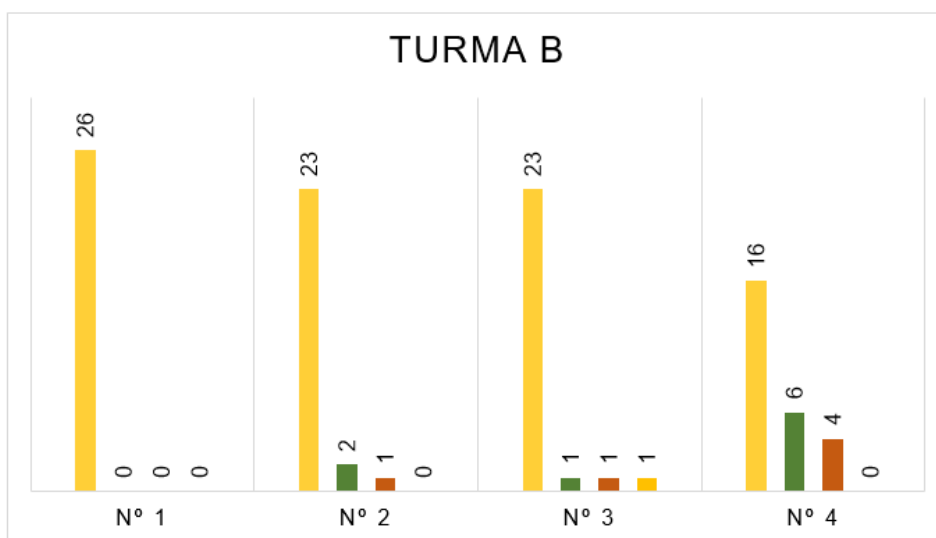


Formulário 2 - Resultados da Turma B.

TURMA B
SÉRIE 3º ANO
ALUNOS 26
DATA 13 de agosto de 2015

RESULTADOS

Pergunta	Respostas			NA
	😊	😐	😞	
nº 1	26	0	0	0
nº 2	23	2	1	0
nº 3	23	1	1	1
nº 4	16	6	4	0
TOTAL	88	9	6	0



OBS.: (NA) Não assinalou nenhuma resposta na questão

Fonte: autora, 2015

Ao observarmos o Desenho 2-I encontramos os personagens principais da lenda das Cataratas: Naipi, Tarobá e M'boi o Deus serpente.

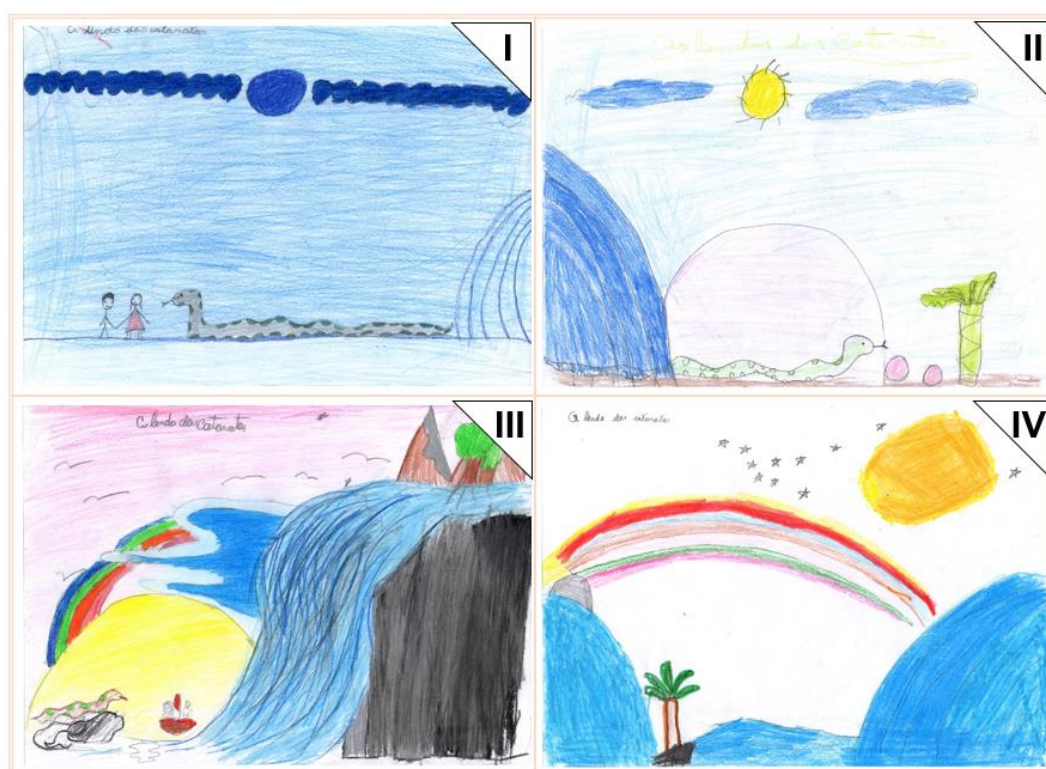
O Desenho 2-II tem os elementos da natureza como o azul das águas, o verde da palmeira, M'boi com cores em tons de cinza e verde, e o sol amarelo. Já o Desenho 2-III possui os elementos da natureza, como as cataratas, o arco-íris, o sol além dos personagens M'Boi, Naipi e Tarobá em uma canoa em cores vibrantes e variadas. Neste desenho temos as cataratas



já formadas, o Arco Íris que significa o encontro de Naipi e Tarobá, no mesmo contexto temos o Deus serpente, a canoa com os dois amantes e logo mais acima encontramos a aldeia dos índios Caiguangues.

Na sequência (Desenho 2-IV) foram descritos apenas os elementos da natureza, como as cataratas, a palmeira, o sol e o arco-íris. Percebe-se a importância de ressaltar o Arco Íris, que simboliza a união de Naipi e Tarobá e também do cenário principal onde ocorreu a narrativa das lendas das Cataratas.

Desenho 2 - Seleção de trabalhos da Turma B.



Fonte: alunos da Turma B, 2015

5.3 TURMA C

Em relação ao formulário que continha a opinião dos alunos que tinha sido confeccionado com o objetivo de verificar aspectos que tinha um enlace com a contação da



lenda das Cataratas, e levando em consideraçon a turma C (2º Ano), na data de 21/08/2015 tem-se:

A questão nº1 da lista, teve a opção “ótima” marcada em 96%. Apenas uma criança marcou “X” na opção “mais ou menos” representando 4% do total.

A segunda questão diz respeito a vontade de leitura após a performance. 88% ou 22 alunos disseram que “despertou” muito a vontade de ler. Já para 8% (2 alunos) a contaçon não motivou a vontade de leitura. Apenas 4% (1 aluno) disse que o evento não despertou o interesse em ler livros.

Em relaçon ao desejo de emprestar livros sobre contaçon de histórias, os alunos responderam em 96% dos formulários a opção “rapidamente”, o que indica que as crianças se interessaram sobre livros com essa temática. Nenhuma opção “vou pensar mais” foi assinalada e uma única marcaçon foi feita na opção da “carinha triste” (não vou pegar). Nesta pergunta e em também todas as outras não houve falta de marcaçon, o que indica que todos os alunos presentes responderam ao questionário completo.

Sobre o hábito de empréstimos de livros anteriormente a contaçon da lenda obteve-se os seguintes resultados:

- Frequentemente 88% (22 alunos). Com isso é possível deduzir que quase todos presentes já tinham o hábito da leitura.
- Raramente: 4% (1 aluno). Essa minoria é tida como resposta desejável já que a maioria já se encontra na resposta “frequentemente” e que leva a conclusõ de que os alunos já possuem o hábito da leitura.
- Não pegava: 8% (2 alunos) apenas dois alunos assinalaram a opção “não pegava” e isso indica que os poucos alunos são passíveis de direcionamento/motivaçon em ações que formam um novo leitor.

Com o questionário já assinalado deu-se a distribuiçon de outra folha para que os alunos pudessem se expressar, através de seu olhar criativo a lenda das Cataratas do Iguaçú. O resultado foi considerado satisfatório, haja visto que muitos deles recorreram aos personagens da lenda, cenário em que a história foi contada. Exemplos de alguns desenhos estão presentes no Desenho 3 e uma coletânea complementar no Apêndice J, ao final do trabalho.

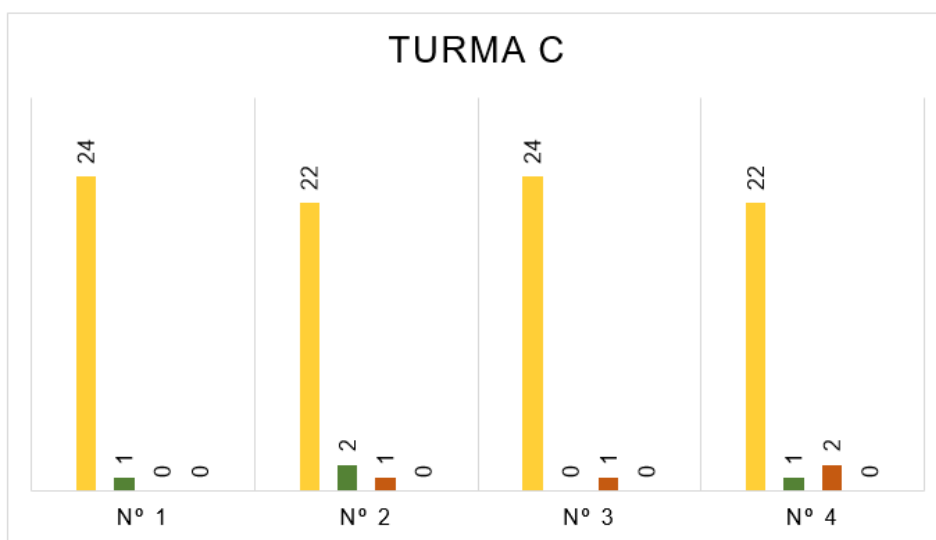


Formulário 3 - Resultados da Turma C.

TURMA C
SÉRIE 2º ANO
ALUNOS 29
DATA 21 de agosto de 2015

RESULTADOS

Pergunta	Respostas			NA
	😊	😐	😞	
nº 1	24	1	0	0
nº 2	22	2	1	0
nº 3	24	0	1	0
nº 4	22	1	2	0
TOTAL	92	4	4	0



OBS.: (NA) Não assinalou nenhuma resposta na questão

Fonte: autora, 2015

No Desenho 3-I encontram-se todos os elementos da lenda, distribuídos harmonicamente. É possível notar o arco íris, a palmeira, as cataratas, o “bote” do Deus serpente (quando divide a rochas em duas partes), o casal Naipi e Tarobá no ápice da história.

A percepção no Desenho 3-II é bem diferente do desenho anterior. Os índios Caiguangues, uma ponte, o arco íris, as cataratas e pássaros em um dia ensolarado.



Desenho 3 - Seleção de trabalhos da Turma C.



Fonte: Alunos da Turma C (2015).

Em relação ao Desenho 3-III pode-se notar a presença de somente três elementos que compõe a lenda: Naipi e Tarobá na canoa e M'boi. Já no Desenho 3-IV é ilustrado o momento onde M'boi emerge das profundezas das águas em direção a canoa de Naipi e Tarobá, fato este marcante na concepção desse aluno.



5.4 TURMA D

De acordo com o conjunto de questões, sob a forma de questionário criado antes da execução da performance da lenda das Cataratas do Iguaçú e tomando como resultado as respostas da turma (2ºAno) na data de 21/08/2015 observou-se que (Formulário 4):

Levando em consideração a primeira pergunta, que mede o quão foi boa ou não a contaçon da história, em contexto geral tem-se unanimidade de 27 marcações na opção “ótima” (representada pela “carinha feliz”). Nenhum aluno deixou de marcar a resposta a esta questão.

A pergunta que indica se a contaçon realizada despertou a vontade de ler no aluno é a de nº02 e 93% das crianças responderam a opção “muito”. 4% (1 aluno) respondeu na opção de indecisão (mais ou menos). Outros 4%, que corresponde a um aluno não respondeu a esta questão.

Em se tratando da intenção da criança, momentos após a contaçon, em pegar livros emprestados, 85% (23 alunos) responderam que vão pegar livros “rapidamente”. A opção “vou pensar mais” que neste caso representa indecisão foi a resposta de 7%. Marcaram a opção “carinha triste”, nesta questão apenas um aluno.

Em síntese, na pergunta nº4 a plateia que assistiu ao evento respondeu: que já pegava livros anteriormente a realização da contaçon, como descrito abaixo:

- Frequentemente: 85% marcaram essa opção.
- Raramente: 4% (1 alunos) assinalou a essa alternativa. Entende-se que esse aluno pega emprestado menos de um livro por mês.
- Não pegava: 7% (2 alunos) responderam que “não pegava” livros emprestados antes dessa contaçon e é nesse perfil de aluno que as ações que estimulam o hábito da leitura devem ser focadas.

Momentos após a coleta dos questionários “ já marcados” com as respostas dos alunos, foi distribuído uma folha contendo um quadro para que os alunos pudessem descrever, através de desenhos e utilizando sua criatividade a sua percepçon da contaçon da lenda das Cataratas



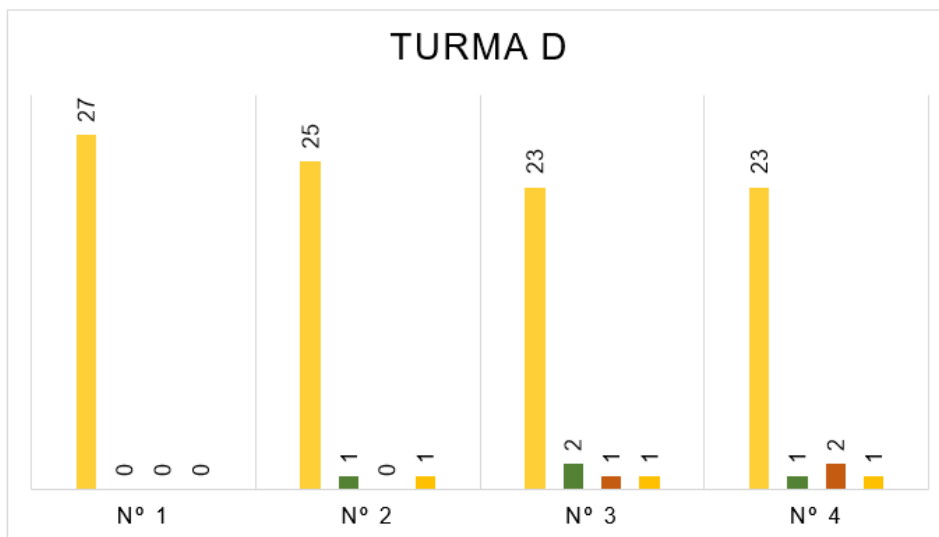
do Iguaçu. O período para conclusão dessa atividade foi uma semana e boa parte dos alunos desenhou elementos pertencentes à história contada (Naipi, Tarobá, Cataratas, M'boi entre outros). Exemplos de alguns desenhos estão presentes no Desenho 4 e uma coletânea complementar no Apêndice K, ao final do trabalho.

Formulário 4 - Resultados da Turma D.

TURMA D
SÉRIE 2º ANO
ALUNOS 27
DATA 21 de agosto de 2015

RESULTADOS

Pergunta	Respostas			NA
	😊	😐	😞	
nº 1	27	0	0	0
nº 2	25	1	0	1
nº 3	23	2	1	1
nº 4	23	1	2	1
TOTAL	98	4	3	0



OBS.: (NA) Não assinalou nenhuma resposta na questão

Fonte: autora, 2015



Em relação aos desenhos, o primeiro (Desenho 4-I) encontra-se um cenário repleto de pássaros, sol, a palmeira simbolizando Tarobá, o arco íris que é a união dos dois amantes, a canoa e as cataratas.

Seguindo a análise com o Desenho 4-II o interessante é observar o arco íris, as cataratas, a gruta da serpente, Naipi em forma de rocha e Tarobá em forma de palmeira, e ainda um breve trecho da lenda contada.

Desenho 4 - Seleção de trabalhos da Turma D.



Fonte: Alunos da Turma D (2015).



Partindo para o terceiro (Desenho 4-III), podemos perceber um coração partido simbolizando o amor “partido”, o arco íris se faz presente e as cataratas também.

O Desenho 4-IV relata o momento do “bote” que a serpente dá na canoa para derrubar os amantes. A ilustração das cataratas ficou bem evidente, e também há a presença do arco íris.

5.5 TODAS AS TURMAS

Em contexto geral, a grande maioria dos alunos responderam a alternativa mais positiva (“carinha feliz”) em todos os questionários aplicados nas quatro turmas (Formulário 5). Um percentual inferior teve resposta a indecisão representada “carinha séria” ou negativa da “carinha triste”. Pouquíssimos alunos deixaram de responder a alguma pergunta.

Percebe-se, em resumo, que os alunos já possuem o hábito da leitura, incentivado por seus professores e programas como o “cantinho da leitura”, presente em todas as salas ou em todas as turmas que participaram da contação da lenda das Cataratas do Iguazu. Contudo, é a partir da análise qualitativa (QUEIROZ, 2006, p. 90) que podemos afirmar que a contação é um instrumento que de fato desperta o gosto pela leitura de livros, pois os resultados quantitativos revelam que aqueles poucos alunos que ainda não haviam tido seu desejo de ler livros alcançado constituem evidências de que o foram.

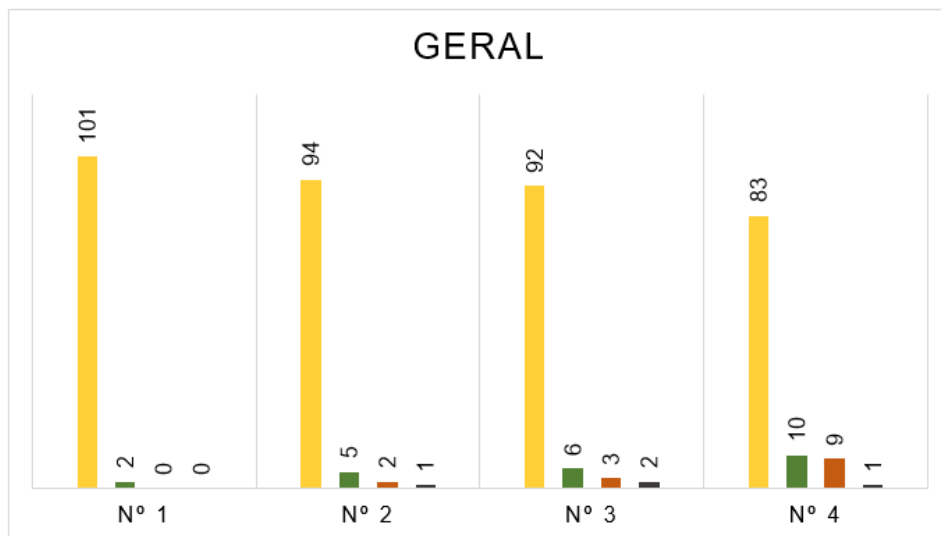


Formulário 5 - Resultado geral (todas as turmas).

TURMA VÁRIAS
SÉRIE 2º e 3º ANO
ALUNOS 103
DATA 06, 13 e 21 de agosto de 2015

RESULTADOS

Pergunta	Respostas			NA
	😊	😐	😞	
nº 1	101	2	0	0
nº 2	94	5	2	1
nº 3	92	6	3	2
nº 4	83	10	9	1
TOTAL	370	23	14	4



OBS.: (NA) Não assinalou nenhuma resposta na questão

Fonte: autora, 2015

Ainda de acordo com o Formulário 5, os números “baixos” (total de 4 em um universo de 370 respostas) daqueles que optaram por não responderem a alguma questão refletem que os alunos se interessaram em participar da pesquisa-ação, com a intenção de traçar um perfil real das turmas avaliadas e de sua escola em um contexto geral. Isso foi considerado um aspecto “facilitador” e positivo na condução deste processo de coleta e análise de informações deste TCC.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa mostrou que a contação de histórias pode ser utilizada como um despertar em relação aqueles que leem pouco ou não leem livros. A introdução da leitura frequente de livros deve ser logo nas séries iniciais do ensino fundamental com desenvolvimento de ações utilizando performances, pois é neste processo que desencadeia a motivação pela leitura, de acordo com a história contada e o interesse do aluno. A contação de lendas regionais agrega ainda mais valor a performance, pois o espectador desenvolve simpatia por temas mais próximos a sua cultura local. Enfatiza-se que é necessário desenvolver outras lendas para se ter uma conclusão específica do gênero.

A performance da lenda das Cataratas do Iguaçu na Escola Municipal Adele Zanotto Scalco, mostrou que as turmas que assistiram ao evento já possuíam o hábito da leitura, mas que havia espaço para fortalecê-lo. As reações dos alunos após a performance indicam que em sua grande maioria aprovam esse tipo de iniciativa. Aspectos ligados a criatividade, como desenhos após a história contada indicam que os alunos das séries iniciais assimilaram de forma satisfatória o conteúdo da lenda das Cataratas do Iguaçu.

Em relação ao estímulo proporcionado pela contação de histórias no aumento do gosto pela leitura, foi comprovado através de análise qualitativa e quantitativa, através das respostas dos questionários e também dos desenhos, que houve o interesse pela leitura após a performance da lenda contada e que a história narrada foi “absorvida” pelas crianças através das ilustrações por elas criadas. Houve também boa interação entre os alunos e a performer durante o momento do evento.

A execução da performance utilizando apenas um lenço de pano como instrumento insere maior responsabilidade do performer em relação ao sucesso ou fracasso do evento. Porém, mesmo com poucos recursos fica evidente a habilidade e sinergia daquele que se propõe a esse tipo de atividade, compensado através de gestos e atitudes, trazendo o espectador para dentro da história contada.

A oralidade foi abordada de forma que, durante a performance, o indivíduo acrescentasse valores a ele pertinentes durante a contação de uma lenda regional tão importante que é a lenda das Cataratas do Iguaçu e que tem origem na cultura indígena brasileira.



Além do estímulo à leitura, que a contação da lenda das Cataratas do Iguaçu proporcionou, observou-se o desenvolvimento do raciocínio e da linguagem oral, com a sugestão de adaptação de outras histórias com conteúdo que aumente o interesse do aluno pelo estudo, sem deixar de lado a interação social entre o grupo. Dessa forma, a contação de histórias, pode ser adotada como uma estratégia eficaz na formação e estímulo de leitores.

Os professores e a coordenação se mostraram receptivos durante a execução das performances nas turmas de séries iniciais da Escola Municipal Adele Zanotto Scalco e alguns demonstraram interesse na continuidade, através de convite para realizar outras performances em suas turmas.

Ressalta-se que esse tipo de projeto envolvendo Universidade e comunidade é importante como fator integrador regional, haja visto que os laços entre o meio acadêmico e suas aplicações na sociedade são fundamentais na construção de bons cidadãos, preparando futuros leitores para uma nação mais desenvolvida.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fani. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.

ALMEIDA, Isaura do Prado . Resenha. In: MAIA, Joseana. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

ALVES, Claudia Cerqueira Gorte. **A contação de história na educação infantil como processo de formação de leitores**. Webartigos, São Paulo, v. 01, n. 01, p.1-2, 27 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-contacao-de-historias-na-educacao-infantil-como-processo-de-formacao-de-leitores/31667/>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

AMARAL, Nátali Rodrigues do. **O CONTADOR DE HISTÓRIAS NA ATIVIDADE A HORA DO CONTO**: relatos de experiências por bibliotecários e contadora da cidade do Rio Grande-RS. 2014. 39 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014. Disponível em: <[http://bdtdccs.furg.br/bitstream/1/64/1/O contador de histórias na atividade a hora do conto relatos de experiências por bibliotecários e contadora da cidade do Rio Grande-RS.pdf](http://bdtdccs.furg.br/bitstream/1/64/1/O%20contador%20de%20hist%C3%B3rias%20na%20atividade%20a%20hora%20do%20conto%20relatos%20de%20experi%C3%ancia%20por%20bibliotec%C3%A1rios%20e%20contadora%20da%20cidade%20do%20Rio%20Grande-RS.pdf)>. Acesso em: 02 out. 2015.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1988.

BORGES, Andressa. Grilo. ASSAGRA, Ana Gabriela Simões. (Org.). **Leitura: O mundo além das palavras**. Curitiba: Sintática Comunicação, 2010.

BORTOLIN, Sueli. **A mediação da leitura nos espaços infanto-juvenis**. In: BARROS, Maria Helena Toledo Costa de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: 2006. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/.../bortolin_s_me_mar.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2015.

_____. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 2010. 232 p. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2010. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103349/bortolin_s_dr_mar.pdf?sequence=1>. Acesso em: 03 abr. 2015.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COLONESE, Paulo Henrique; SILVA, Anna Karla da. **O que é arte rupestre?** 2015. Publicado na EBC - Empresa Brasileira de Comunicação. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2015/09/o-que-e-arte-rupestre>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

DICIO. Dicionário Online de Português. **Significado de mediador**. 2015. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/mediador>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

DONATO, Daniela. **Recontando história: a leitura e visão de mundo do pré-escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2005. 132p. Disponível em: http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=664 >. Acesso em 03 abr. 2015.

FARIA, Maria. Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FURLAN, Rodrigo. **Leitura, mediação e formação de leitores**. Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, v. 1, n. 1, p.1-1, out. 2013. Disponível em: <<https://www.unochapeco.edu.br/letras/blog/leitura-media-o-e-forma-o-de-leitores>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. **Falar em público**. São Paulo: Clube de Autores, 2013.

GUEDES, Hardy. **Naipi e Tarobá: a lenda das Cataratas do Iguaçu**. Ilustrações: Márcia Széliga. Curitiba. 4ed. HGF, 2011.

GUIMARÃES, Dilva; CABRAL, Paulo. **Significado de Performance**. 2015. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/performance/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

LIPPI, Elisiane Andreia; FINK, Alessandra Tiburski. **A arte de contar histórias: perspectivas teóricas e práticas.** Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI, Alto Uruguai e Missões, v. 14, n. 1, p.20-31, maio 2012. Disponível em: <http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_014/artigos/artigos_vivencias_14/n14_02.pdf>. Acesso: em 25 mar. 2015.

MACHADO, Tertuliana Corrêa. **A formação do aluno leitor.** 2001. 161 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/79919>> Acesso em: 03 abr. 2015.

MORAIS, José. **Criar leitores:** para professores e educadores. Barueri: Minha Editora, 2013.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 3. ed., Petrópolis: Vozes, 2012.

PERROT, Jean. **Os "livros-vivos" franceses:** um novo paraíso cultural para nossos amiguinhos, os leitores infantis. Revista da Faculdade da Educação: n. 2, v. 24, São Paulo. 1998. p.1-27. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551998000200008&script=sci_arttext>. Acesso em: 03 abr. 2015.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: perspectivas para o campo da etnomusicologia. **Claves: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba,** João Pessoa, n. 2, p. 87-98, 2006.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias:** um caminho para a formação de leitores? 2011. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011_-_RAMOS_Ana_Claudia.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2015.

SANTOS, Thaíse Conceição dos. A ilustração do livro de literatura infantil: leitores na infância. **Universidade Estadual Paulista,** Marília, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2010. Disponível em: <http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/14730.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2015.

SILVA, Márcia Regina da. Leitura: mediação e mediador. **BEREVE,** São Carlos, v. 1, n. 1, p.74-78, 2012. Disponível em: <<http://revistas.ffclrp.usp.br/berev/article/view/104/84>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2005.

_____. A literatura frequenta a escola... Mas quem conta as histórias? In: PAROLIN, I. C. H. (Org.). **Sou professor!** A formação do professor formador. Curitiba: Positivo, 2009. p. 67-71.

TORRES, Shirlei Milene, **Contação de histórias**: Resgate da memória e estímulo a imaginação. Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de literaturas sessão aberta.n.01, v.04, Porto Alegre, 2008, p. 1-8. Disponível em:<<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/5844/3448>>. Acesso em 31 mar. 2015.

WIKIPÉDIA. **Oralidade**. 2015. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Oralidade>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES PLANEJADAS DO TCC

Atividades planejadas	Cronograma do TCC									
	março	abril	maio	junho	julho	agosto	setembro	outubro	novembro	
Início do pré-projeto do TCC	■	■	■							
Pesquisa e confecção das Referências Bibliográficas										
Encontros de orientação com a professora	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Pesquisa de conteúdos do TCC	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Estudo de análise da performance do TCC	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Entrega do TCC (provisório, sem resultados)										
Preparação e execução das atividades em campo				■	■	■	■	■	■	■
Confecção de relatório das atividades de campo										
Defesa do TCC (provisório) em pré-banca examinadora					■	■	■	■	■	■
Análise final e discussão sobre ajustes do TCC										
Confecção do TCC (versão provisória)										
Revisão do TCC (versão provisória)										
Defesa do TCC em banca examinadora										
Revisão do TCC apresentado em banca examinadora										
Entrega do TCC (versão definitiva)										

LEGENDA

 Semana de atividades programadas e realizadas
 Semana de atividades programadas à serem executadas

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR

Avaliar o efeito da contação de história sobre os alunos

1- Qual comportamento dos estudantes durante e após a leitura?

2- Os alunos prestaram atenção na contação da história?

3- Você professor, percebeu uma mudança dos alunos após essa contação?













4- Ouve maior interesse na história contada?

5- Você percebeu melhora na atenção desses alunos?

Obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DE OPINIÃO DOS ALUNOS

Marque com um “x” as respostas

Dê sua opinião		
1 - A contação de histórias foi :		
ótima 	mais ou menos 	não gostei 
2 - A contação despertou sua vontade de ler ?		
muito 	mais ou menos 	não 
3 - Depois dessa contação você pensa em pegar um livro que conta histórias ?		
rapidamente 	vou pensar mais 	não vou pegar 
4 - Antes dessa contação você pegava livros ?		
frequentemente 	raramente 	não pegava 

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR (TURMA A)

Questionário Avaliação do (Professor)

Avaliar o efeito da contação de história sobre os alunos

- 1- Qual comportamento dos estudantes durante e após a leitura?

Os alunos se mostraram interessados na história prestando atenção e após a leitura ficaram com vontade de ouvir outras histórias.

- 2- Os alunos prestaram atenção na contação da história?

Sim, demonstraram interesse e concentração.

- 3- Você professor, percebeu uma mudança dos alunos após essa contação?

Não, pois com apenas uma contação ^{pe} não é possível perceber uma mudança no sentido de aumentar o interesse pela leitura, mas demonstraram interesse em escutar outras histórias.

- 4- Ouve maior interesse na história contada?

Eles gostaram e se interessaram pela história.

- 5- Você percebeu melhora na atenção desses alunos?

Não, mas acredito que ^{se} fosse uma contação de história contínua os resultados seriam outros uma contação é muito pouco para perceber tais diferenças em sala.

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR (TURMA B)

Questionário Avaliação do (Professor)

Avaliar o efeito da contação de história sobre os alunos

1- Qual comportamento dos estudantes durante e após a leitura?

Muito bom, eles gostam de ouvir história e participam com perguntas.

2- Os alunos prestaram atenção na contação da história?

Sim, ficaram bem atentos.

3- Você professor, percebeu uma mudança dos alunos após essa contação?

O interesse é o mesmo um com mais e outros com menos interesse.

4- Ouve maior interesse na história contada?

Não muito pois os que gostam que é a maioria continuam lendo e os que não gostam não gostam

5- Você percebeu melhora na atenção desses alunos?

A atenção é a mesma pois toda semana eles ouvem histórias.

APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR (TURMA C)

Questionário Avaliação do (Professor)

Avaliar o efeito da contação de história sobre os alunos

1- Qual comportamento dos estudantes durante e após a leitura?

Durante a leitura ficaram quietos
prestando atenção, após a leitura
comentaram entre si.

2- Os alunos prestaram atenção na contação da história?

Sim

3- Você professor, percebeu uma mudança dos alunos após essa contação?

Não muito, eles sempre tem
contação de histórias.

4- Ouve maior interesse na história contada?

Eles sempre prestam atenção quan
do tem história contada.

5- Você percebeu melhora na atenção desses alunos?

Toda semana a professora conta
histórias na turma.

APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR (TURMA D)

Questionário Avaliação do (Professor)

Avaliar o efeito da contação de história sobre os alunos

1- Qual comportamento dos estudantes durante e após a leitura?

Durante a leitura apresentaram interesse na história contada. Após a leitura não manifestaram comentários em relação a história contada.

2- Os alunos prestaram atenção na contação da história?

Sim, eles no início começaram a conversar mas durante a contação ficaram em silêncio prestando atenção.

3- Você professor, percebeu uma mudança dos alunos após essa contação?

Não, eles continuam com o mesmo jeito pela leitura ou não, pelo menos não apresentaram maior interesse, até porque uma contação de história apenas não basta a menos para estimulá-los a ler, ou melhorar a leitura deles, ela deve ser contínua. Em sala costumo contar história.

4- Ouve maior interesse na história contada?

Eles não fizeram comentários posteriores relacionadas a história contada. Se houve interesse não manifestaram.

5- Você percebeu melhora na atenção desses alunos?

Como respondi anteriormente, não acredito que apenas uma contação basta, para melhorar a atenção dos alunos, esse processo deve ser contínuo e sistemático para que no final do processo seja avaliado se houve ou não uma melhora na atenção, se houve maior interesse na leitura e conseqüentemente se melhoraram a leitura.

APÊNDICE H – COLETÂNEA DE DESENHOS (TURMA A)



APÊNDICE I – COLETÂNEA DE DESENHOS (TURMA B)



APÊNDICE J – COLETÂNEA DE DESENHOS (TURMA C)



APÊNDICE K – COLETÂNEA DE DESENHOS (TURMA D)



APÊNDICE L - FOTOGRAFIAS DAS VISITAS À ESCOLA MUNICIPAL ADELE ZANOTTO SCALCO









ANEXOS

ANEXO A - LENDA DAS CATARATAS

Conta-se que os índios Caingangues, habitantes das margens do Rio Iguaçu, acreditavam que o mundo era governado por M'Boy, um deus que tinha a forma de serpente e era filho de Tupã. Igobi, o cacique dessa tribo, tinha uma filha chamada Naipi, tão bonita que as águas do rio paravam quando a jovem nelas se mirava.

Devido à sua beleza, Naipi era consagrada ao deus M'Boy, passando a viver somente para o seu culto. Havia, porém, entre os Caingangues, um jovem guerreiro chamado Tarobá que, ao ver Naipi, por ela se apaixonou.

Figura 13 – Tarobá se encanta com a beleza de Naipi.



Fonte: GUEDES, 2001, p.11

No dia da festa de consagração da bela índia, enquanto o cacique e o pajé bebiam cauim (bebida feita de milho fermentado) e os guerreiros dançavam, Tarobá aproveitou e fugiu com a linda Naipi numa canoa rio abaixo, arrastada pela correnteza.

Quando M'Boy percebeu a fuga de Naipi e Tarobá, ficou furioso. Penetrou então as entranhas da terra e, retorcendo o seu corpo, produziu uma enorme fenda, onde se formou a gigantesca catarata.

Envolvidos pelas águas, a canoa e os fugitivos caíram de grande altura, desaparecendo para sempre. Diz a lenda que Naipi foi transformada em uma das rochas centrais das cataratas, perpetuamente fustigada pelas águas revoltas.

Tarobá foi convertido em uma palmeira situada à beira de um abismo, inclinada sobre a garganta do rio. Debaxo dessa palmeira acha-se a entrada de uma gruta sob a Garganta do Diabo onde o monstro vingativo vigia eternamente as duas vítimas.

ANEXO B - HISTÓRICO DA ESCOLA ADELE ZANOTTO SCALCO

A Escola Municipal Adele Zanotto Scalco – Educação Infantil e Ensino Fundamental, encontra-se localizada na Av. Javier Koelbl, 1.923, Vila Boa Esperança, foi criada através do Decreto Municipal nº 11.318 de 3 de junho de 1.997, embora suas atividades escolares tiveram início em 17 de fevereiro de 1.997. Sua inauguração oficial ocorreu em 10 de junho de 1.997, tendo como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. O nome da escola foi uma forma de homenagear a mãe do Sr. Euclides Girolamo Scalco, Presidente da Itaipu - Binacional, naquela época.

Em 1.998, através da Resolução nº 4.429, publicada no Diário Oficial do Estado do Paraná em 26 de fevereiro, foi autorizado o funcionamento para as séries iniciais do Ensino Fundamental baseado na LDB. No mesmo ano, através da resolução nº 160, publicada no Diário Oficial do Estado, autorizou o funcionamento de uma turma de Classe Especial. Ainda em 1998, instalou-se a biblioteca da escola, com um acervo variado para o atendimento aos alunos da escola, bem como da comunidade. Nesse mesmo ano, iniciaram-se as aulas de música e de artes plásticas. Em 1.999, através da resolução 3.336 de 31 de agosto, autorizou-se o funcionamento de mais uma turma de Classe Especial para o período da manhã, uma vez que no bairro havia apenas uma escola com essa modalidade de ensino. No ano de 2.002, por solicitação da Secretaria da Educação e com base na implantação do projeto de erradicação do trabalho infantil do governo federal, instalou-se 4(quatro) turmas do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), sendo: 2 (duas) turmas no período da manhã e 2 (duas) turmas no período da tarde. No ano de 2.004, através da resolução 5.673/04 e Ato Administrativo 220/04 de 26/11/04, criou-se uma Sala de Recursos (20 horas) na área de deficiência mental e distúrbios de aprendizagem, bem como, ambas as Classes Especiais, que atendem nesta mesma área com materiais adequados, e assistidas, com professores especialmente qualificados para o ensino especial. No início do ano letivo de 2.005, instalou-se o Laboratório de Informática, com um total de 15 (quinze) terminais de microcomputador onde são ministradas aulas, em dois turnos, atendendo à todas as turmas da escola, com aulas de 50 (cinquenta) minutos semanais.

No início do ano de 2.006, a escola foi escolhida pela Secretaria Municipal de Educação para a implantação do Projeto Escolas Bilíngues. Trata-se de um projeto desenvolvido pelo Governo Federal, através do MEC – Ministério da Educação e Cultura, que vem sendo

implantado nas escolas de Fronteira com os países do Mercosul. A exemplo de outras escolas no país, dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o Paraná, e especificamente Foz do Iguaçu, através da escola Adele Zanotto Scalco, para integrar a rede de Escolas Bilíngues do país.

O projeto, inicialmente, foi implantado apenas com os alunos de 1ª série, sendo ampliado para as séries seguintes gradativamente. Ele funciona em forma de intercâmbio, onde professores da escola, um dia por semana, atravessam a fronteira com a Argentina para ministrar aulas em língua portuguesa aos alunos da escola nº.164, participante do projeto, enquanto professores argentinos, atravessam a fronteira com o Brasil para ministrar aulas em Espanhol.

O desenvolvimento do projeto é acompanhado pela Secretaria Municipal da Educação, através da Equipe de Ensino; pelo MEC – Ministério da Educação e Cultura, juntamente com a UNILA–, através de assessores e coordenadores, que acompanham periodicamente o desenvolvimento do projeto, através de encontros bilaterais e planejamentos conjuntos, repassando encaminhamentos e orientações que visam o bom andamento do projeto.

Cabe lembrar que, não somente os professores participantes diretos se envolvem com o desenvolvimento do projeto, como também todos os demais membros da equipe docente e pedagógica da escola, de forma indireta, tendo em vista que o projeto não se limita ao conhecimento da língua, como também à cultura de cada país. Por isso, todos devem estar trabalhando em conjunto, de forma interdisciplinar.

Fonte: <http://escolaadelezanotto.webnode.com.br>

ANEXO C – TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E DE DIREITOS SOBRE A IMAGEM (PROFESSORES E COORDENAÇÃO DA ESCOLA)

Nos termos disponíveis do artigo 49 da Lei 9.610, por este instrumento, a Sra. Elisondra Satima Conceição dos Barros (nome do cedente) RG 10.324.053-6, CPF 074.576.769-11, residente na rua "K", bairro Bela Vista, cidade Soz do Iguacu, na qualidade de titular dos direitos sobre sua imagem doravante denominado CEDENTE, cede gratuitamente, pelo prazo indeterminado e de modo absoluto, para utilização exclusiva do trabalho acadêmico para o uso de imagem referente ao depoimento sobre a importância da contação de histórias na formação de futuros leitores. O CEDENTE fica ciente de que o material cedido pode ser publicado nas mídias eletrônicas. Esta cessão afasta o cedente e seus herdeiros de receberem qualquer espécie de indenização ou compensação em virtude do uso e administração do material. A acadêmica Kelen Cristina Benjamim Santos compromete-se a utilizar o material descrito para produção de materiais sem fins lucrativos e com objetivos educacionais.

Elisondra Satima C.R. Barros
Cedente

Soz do Iguacu, 16 de outubro de 2015.
Cidade e data

Nos termos disponíveis do artigo 49 da Lei 9.610, por este instrumento, a Sra. Elizete Pereira Barbosa (nome do cedente) RG 10.230.489-6, CPF 082.670.999-05, residente na rua Javier Koelbel n.º 334, bairro Elza II, cidade Soz do Iguacu, na qualidade de titular dos direitos sobre sua imagem doravante denominado CEDENTE, cede gratuitamente, pelo prazo indeterminado e de modo absoluto, para utilização exclusiva do trabalho acadêmico para o uso de imagem referente ao depoimento sobre a importância da contação de histórias na formação de futuros leitores. O CEDENTE fica ciente de que o material cedido pode ser publicado nas mídias eletrônicas. Esta cessão afasta o cedente e seus herdeiros de receberem qualquer espécie de indenização ou compensação em virtude do uso e administração do material. A acadêmica Kelen Cristina Benjamim Santos compromete-se a utilizar o material descrito para produção de materiais sem fins lucrativos e com objetivos educacionais.

Elizete Pereira Barbosa
Cedente

Soz do Iguacu, 16 de Outubro de 2015
Cidade e data

Nos termos disponíveis do artigo 49 da Lei 9.610, por este instrumento, a Sra. Jerezinha Stempnick (nome do cedente) RG 4.267.879-1 residente na rua Julgênio Pereira nº 095 bairro Vila Yelonda, cidade Foz do Iguaçu, na qualidade de titular dos direitos sobre sua imagem doravante denominado CEDENTE, cede gratuitamente, pelo prazo indeterminado e de modo absoluto, para utilização exclusiva do trabalho acadêmico para o uso de imagem referente ao depoimento sobre a importância da contação de histórias na formação de futuros leitores. O CEDENTE fica ciente de que o material cedido pode ser publicado nas mídias eletrônicas. Esta cessão afasta o cedente e seus herdeiros de receberem qualquer espécie de indenização ou compensação em virtude do uso e administração do material. A acadêmica Kelen Cristina Benjamim Santos compromete-se a utilizar o material descrito para produção de materiais sem fins lucrativos e com objetivos educacionais.

Jerezinha Stempnick
Cedente

Foz do Iguaçu, 16 de outubro de 2015
Cidade e data

Nos termos disponíveis do artigo 49 da Lei 9.610, por este instrumento, a Sra. Estela Leon Rohde (nome do cedente) RG 4.381.150-9 residente na rua Mayer Paul de Mattes 99 bairro Vila Yelonda, cidade Foz do Iguaçu, na qualidade de titular dos direitos sobre sua imagem doravante denominado CEDENTE, cede gratuitamente, pelo prazo indeterminado e de modo absoluto, para utilização exclusiva do trabalho acadêmico para o uso de imagem referente ao depoimento sobre a importância da contação de histórias na formação de futuros leitores. O CEDENTE fica ciente de que o material cedido pode ser publicado nas mídias eletrônicas. Esta cessão afasta o cedente e seus herdeiros de receberem qualquer espécie de indenização ou compensação em virtude do uso e administração do material. A acadêmica Kelen Cristina Benjamim Santos compromete-se a utilizar o material descrito para produção de materiais sem fins lucrativos e com objetivos educacionais.

Estela Leon
Cedente

Foz do Iguaçu, 16 de outubro de 2015
Cidade e data

Nos termos disponíveis do artigo 49 da Lei 9.610, por este instrumento, a Sra. Elida Herminia Rockenbach (nome do cedente) RG 4.503.394-5, CPF 028.173.959-56, residente na rua Mamêcio Martins, 296 bairro Boqueirão, cidade Foz do Iguaçu, na qualidade de titular dos direitos sobre sua imagem doravante denominado CEDENTE, cede gratuitamente, pelo prazo indeterminado e de modo absoluto, para utilização exclusiva do trabalho acadêmico para o uso de imagem referente ao depoimento sobre a importância da contação de histórias na formação de futuros leitores. O CEDENTE fica ciente de que o material cedido pode ser publicado nas mídias eletrônicas. Esta cessão afasta o cedente e seus herdeiros de receberem qualquer espécie de indenização ou compensação em virtude do uso e administração do material. A acadêmica Kelen Cristina Benjamim Santos compromete-se a utilizar o material descrito para produção de materiais sem fins lucrativos e com objetivos educacionais.

Elida Herminia Rockenbach

Cedente

Foz do Iguaçu, 16 de outubro de 2015

Cidade e data

ANEXO D – PROPOSTA ORÇAMENTARIA

Custos de impressão/encadernação/gravação em formato eletrônico	R\$ 650,00
Custos com as performances realizadas	R\$ 700,00
Custo com aquisição de obras (livros, apostilas, etc)	R\$ 100,00
Total	R\$ 1.450,00